

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO MARANHÃO

PAULO HENRIQUE DOS SANTOS MORAES

POESIA NO PODER

a trajetória político-literária de Bandeira Tribuzi em São Luís nos anos 60

SÃO LUÍS

2012

PAULO HENRIQUE DOS SANTOS MORAES

POESIA NO PODER

a trajetória político-literária de Bandeira Tribuzi em São Luís nos anos 60

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História do Maranhão, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Ms. Fabio Henrique Monteiro Silva

SÃO LUÍS

2012

Moraes, Paulo Henrique dos Santos.

Poesia no poder: a trajetória político-literária de Bandeira Tribuzi em São Luís nos anos 60 / Paulo Henrique dos Santos Moraes.– São Luís, 2012. 57 folhas.

Monografia (Especialização) – Curso de História do Maranhão, Universidade Estadual do Maranhão, 2012.

Orientador: Prof. Ms. Fabio Henrique Monteiro Silva.

1.Intelectuais. 2.Política. 3.Bandeira Tribuzi. I.Título

CDU: 94:821.134.3(812.1)

PAULO HENRIQUE DOS SANTOS MORAES

POESIA NO PODER

a trajetória político-literária de Bandeira Tribuzi em São Luís nos anos 60

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História do Maranhão, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Ms. Fabio Henrique Monteiro Silva

Aprovada em 06/10/2013

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Fabio Henrique Monteiro Silva



Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho



Prof. Dr. Marcelo Cheche Galves

À minha família, 'Seu' Domingos, 'Dona' Joselene, Jairon,
Denis, Pedro e Raquel.

AGRADECIMENTOS

À Dácia Naiana, amizade improvável e pra sempre.

Aos professores e pensadores que contribuíram, com este curso, para meu processo contínuo de formação intelectual: Henrique Borralho, Marcelo Cheche, Reinaldo Barroso, Yuri Costa e Fábio Monteiro.

“Todo poeta maior é um cidadão autêntico”

Bandeira Tribuzi

RESUMO

MORAES, Paulo Henrique dos Santos Moraes. Poesia no poder: a trajetória político-literária de Bandeira Tribuzi em São Luís nos anos 60. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em História do Maranhão. São Luís, 2012.

O trabalho tem como objetivo identificar a existência de ideias, práticas e construções discursivas presentes no cenário cultural e político que se processou em São Luís do Maranhão entre 1961 e 1964, tendo como fio condutor a atuação de Bandeira Tribuzi, personagem mais frequente e engajado na aliança entre exercício intelectual com práticas políticas nas transformações culturais sociais e econômicas do Maranhão. Busca-se o entendimento da dimensão e alcance político dos intelectuais e artistas neste período através da análise dos discursos que estes construíram sobre si. Tenta-se ainda perceber e identificar a dinâmica interna das articulações que garantiram e ainda hoje garantem lugar de destaque de certos personagens na história de São Luís do Maranhão, incluindo aí o próprio Bandeira Tribuzi. Fundamenta-se esta pesquisa em uma bibliografia extensa a respeito do tema e nos jornais que circulavam em São Luís nos quatro primeiros anos da década de 1960

Palavras-chave: Intelectuais. Política. Bandeira Tribuzi.

ABSTRACT

MORAES, Paulo Henrique dos Santos Moraes. Poetry in the power: the political and literary trajectory of Bandeira Tribuzi in São Luís in the '60s. 58f. Conclusion Work Postgraduate Program in History of Maranhão. São Luís, 2012.

This study aims to identify the existence of ideas, practices and discursive constructions present in the cultural and political scene in São Luís of Maranhão between 1961 and 1964, with the thread's performance Bandeira Tribuzi, character frequently engaged in the alliance between intellectual practices with political activities in the social, cultural and economic transformations in São Luís. The aim is to understand the size and reach of political activities of intellectuals and artists during this period by analyzing the discursive constructions they had about themselves. It also attempts to identify and understand the internal dynamics of the joints that ensured and still ensures prominent importance of certain characters in the history of São Luís do Maranhão, including Bandeira Tribuzi. This research is based on an extensive literature about the subject and in newspapers circulating in São Luís in the first four years of the 1960's

Keywords: Intellectuals. Policy. Bandeira Tribuzi.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 O INTELLECTUAL | 16 |
| 2.1 Tribuzi: a renovação no cenário cultural maranhense dos anos 40 | 17 |
| 2.2 Modernismo e Tradição. | 20 |
| 3 O HOMEM POLÍTICO | 25 |
| 3.1 Bandeira Tribuzi entre embates e lutas sociais | 26 |
| 3.2 Jornal do Povo: o reduto da luta oposicionista | 33 |
| 3.3 Nos meandros do poder | 35 |
| 3 INTELLECTUAIS E POLÍTICA | 40 |
| 3.1 O contexto nacional | 41 |
| 3.2 O caso maranhense | 46 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 53 |
| 5 REFERÊNCIAS | 55 |

INTRODUÇÃO

Poeta e político. Poeta, pela vivência afeita à sensibilidade da arte. Político, pela vivência plena de sua cidadania. E mais!

Economista de formação, jornalista por vocação, cronista e crítico de mão cheia, compositor esporádico porém certo (é dele a “Louvação a São Luís”, o hino oficial da capital maranhense) e importante técnico administrativo de dois governos no Maranhão. Em linhas gerais, esse foi José Tribuzi Pinheiro Gomes¹.

Ou assim se paga tributo a ele ainda hoje.

O nome que escolheu para si como destino, Bandeira Tribuzi, veio da junção do sobrenome de sua mãe posposto ao sobrenome de um dos poetas maiores da nossa literatura, que contribuiu para tornar a geração de intelectuais e artistas surgida com a semana de 1922, uma das mais importantes da cultura brasileira no século XX.

Bandeira Tribuzi foi maranhense nascido em São Luís, formado na Universidade de Coimbra em Portugal, humanista atento ao que acontecia no mundo, intelectual conhecedor da realidade brasileira e, sobretudo, um eterno amante e defensor da cidade onde nasceu, se criou e decidiu viver.

A história de São Luís tem a marca indelével de Tribuzi. Viveu meio século, de 1927 a 1977, e, nesse tempo, por poucas vezes e breve período residiu fora da capital maranhense. Em São Luís, casou-se, participou de movimentos culturais, envolveu-se em lutas sociais, escreveu e lançou livros, fundou jornal, candidatou-se a cargos políticos (não conseguindo se eleger em nenhuma das duas vezes), e, como em um desfecho premeditado, deixou a vida na data do aniversário oficial da cidade: 8 de setembro.

Em suma, José Tribuzi Pinheiro Gomes foi e fez de tudo um pouco, os amigos o tinham em boa conta – desafio é tentar achar algo no lugar reservado a ele na memória da sociedade e história maranhense que o comprometa de alguma forma. Felizmente, não é esse o meu objetivo, nem o contrário.

¹ José Tribuzi Pinheiro Gomes nascido em 2 de fevereiro de 1927 e falecido em 8 de setembro de 1977 em São Luís - Maranhão, filho de Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes, comerciante português, e Amélia Tribuzi Pinheiro Gomes, brasileira.

Dito isto, é de bom tom deixar claro: ao contrário do que pareceu até aqui, o trabalho que desenvolvo a seguir não é uma biografia² propriamente dita de Bandeira Tribuzi, ou pelo menos não pretende ser. Ainda que em forma de homenagem - pois não há como esconder que elegê-lo motivo principal de uma pesquisa historiográfica é homenageá-lo, inevitavelmente -, este trabalho monográfico busca entender Tribuzi a partir de suas concepções e relações sócio-políticas, e sua atuação como intelectual em grande parte dos anos 60.

Além disso, busca-se entender Tribuzi a partir da construção discursiva que ele e seus pares intelectuais e artistas tinham sobre si no cenário cultural maranhense/ludovicense. É uma tentativa específica de destrinchar e compreender a dinâmica do discurso que garante a Bandeira Tribuzi, e a seus pares, lugar de destaque na memória que perpassa e dignifica, continuamente, aqueles que pretensamente “trouxeram à vida” o Maranhão Novo, que “resgataram” a pungência cultural de São Luís.

De modo geral, a pesquisa que desenvolvo neste trabalho, que é de certo modo uma continuação da minha pesquisa monográfica de graduação (MORAES 2009), tem como objetivo a identificação de práticas e discursos que aliam atividade intelectual e posições políticas definidas na cidade de São Luís no começo dos anos de 1960; e de como elas se desenvolveram ou foram sendo construídas ao longo desta década, incutindo na memória coletiva da sociedade de então o legitimar das atividades culturais e políticas de certo grupo de pessoas, e consolidando hoje no imaginário dos habitantes da cidade uma visão específica dos acontecimentos e personagens daquela época.

Para tanto, concentrarei este estudo no caso de Bandeira Tribuzi, pois que, na referida pesquisa de graduação, este se mostrou o personagem mais frequente (portanto, melhor documentado) e engajado (no sentido de aliar atuação intelectual com práticas políticas) nas transformações culturais, sociais, políticas e econômicas da capital e estado maranhense.

² Este trabalho parte da compreensão que “as biografias são, como a história, construções cuja forma se deve em grande parte às relações de poder estabelecidas na dinâmica social” (VIEIRA, 1998, p.17), e, portanto, sua adoção como instrumento de análise está diretamente ligada à possibilidade de reconstituição das elaborações discursivas que os personagens desta pesquisa - em especial, Bandeira Tribuzi, fio condutor dela - tinham sobre si, e à possibilidade do melhor entendimento dos processos e relações sociais em que eles estavam envolvidos.

Meu trabalho anterior tinha como enfoque todo um cenário cultural, em que me interessava o mapeamento de intelectuais e artistas maranhenses entre os anos de 1961 e 1964, tentando perceber alguma ligação entre as atividades sociais e produções culturais destes com suas ocasionais atuações na política, sejam de forma oficial, sejam como exercício de cidadania.

Pretendi, ainda, estabelecer um paralelo do caso ludovicense com os acontecimentos e movimentações na sociedade brasileira dos anos 60 do século passado, quando se fez constante o envolvimento entre cultura e ideais políticos nas discussões e nos projetos que punham em questão o presente e futuro da nação brasileira. Entendia-se que a cultura, como meio de constituição e propagação de ideias e práticas, seria parte importante na construção de uma sociedade capaz de mudanças estruturais no Brasil. Havia a sensação, em muitos casos até certeza, de que uma reforma geral do país era possível e estava a caminho.

Como autocrítica desta minha pesquisa anterior, admito o equívoco da análise ao colocar em um mesmo círculo de atuação artistas e intelectuais maranhenses cujas produções eram tão díspares quanto seus interesses pessoais ou coletivos concernentes à arte ou à política. De fato, no referido trabalho, o mapeamento de artistas e intelectuais e suas respectivas produções e atividades no meio cultural de São Luís veio desacompanhada de uma análise mais cuidadosa a respeito das posições e construções discursivas que cada um tomou para si em sua trajetória.

Para não cometer o mesmo erro, portanto, no estudo que desenvolvo a seguir, concentrei a análise em um número específico de pessoas no qual é mais perceptível não apenas a correlação entre atividade intelectual e política, mas, sobretudo, onde se pode identificar e discutir estratégias de perpetuação de uma visão de mundo em detrimento de outras no embate pelo poder no Maranhão, tanto em seu aspecto político oficial quanto pelo simbólico referente ao mundo das ideias.

Ou seja, não se trata tão somente de investigar ou mapear produções ou produtores culturais atrelados a formas específicas de atuação sócio-política em São Luís, mas sim de perceber e identificar a dinâmica interna das articulações que garantiram e ainda hoje garantem lugar de destaque a certos personagens na história de São Luís do Maranhão, incluindo aí o próprio Bandeira Tribuzi.

Quanto ao limite temporal, em certa medida, ele continuará o mesmo com o que trabalhei anteriormente – os primeiros anos da década de 1960, quando houve maior intensidade dos embates que envolviam os temas gerais desta pesquisa.

Contudo, essa demarcação temporal servirá apenas para facilitar o resultado final da pesquisa. Alargarei esse limite, para frente ou para trás no tempo, quando necessário à análise, pois que a trajetória do personagem principal, ou melhor, do fio condutor da pesquisa que desenvolvo vai além dos anos 60, e se inicia lá nos anos 40. Cabe lembrar que, apesar de não serem objetos diretos, serão de extrema importância certas análises quanto à participação de Bandeira Tribuzi na administração dos governos estaduais de José Sarney (de 1966 a 1970), especialmente, e Pedro Neiva de Santana (de 1971 a 1974) ³.

Quanto ao texto em si, resolvi dividi-lo desta maneira:

No primeiro capítulo situarei o intelectual Bandeira Tribuzi, a atuação dele como escritor, poeta, jornalista, estudioso, etc, no cenário ludovicense. Tento perceber com quem ele se relacionava socialmente e qual era o momento cultural de São Luís àquela altura. Busco discutir as conexões dele nesse campo intelectual.

No segundo capítulo, parto para o estudo do lado mais politizado de Tribuzi, identificando os tipos de questões, embates, polêmicas, bandeiras e ideias com as quais ele estava envolvido. Atentando para qual era o posicionamento político dele, como e que tipo de atuação ele tinha frente essas questões, se partidária, se apenas como intelectual engajado, etc.

Mais um alerta: as questões que envolvem esses dois capítulos não são de modo algum estanques, muito pelo contrário - na trajetória de Bandeira Tribuzi nunca houve essa separação entre o intelectual e o político, a separação é mero artifício didático que utilizo para pontuar melhor o meu estudo e pesquisa.

O terceiro capítulo servirá para pensar com cuidado a ligação entre intelectuais e política tanto no Brasil quanto no Maranhão de forma mais ampla, através da discussão historiográfica feita por Sergio Miceli (1979) e Daniel Pécaut (1989) sobre o papel político dos intelectuais brasileiros de duas gerações no século

³ Bandeira Tribuzi atuou como secretário de planejamento nos dois governos, sendo responsável pela elaboração das diretrizes gerais da atuação de ambos.

XX; e através da análise das atividades e relações políticas de Bandeira Tribuzi no Maranhão durante grande parte de sua trajetória intelectual.

Na construção desta análise, utilizarei como referência uma bibliografia variada de autores que de alguma forma relacionam intelectuais e poder em suas análises.

Desta maneira, têm-se como norteadores, no que tange ao contexto nacional, o estudo de Sergio Miceli (1979), que foca nas fortes e estreitas relações entre intelectuais e classe política dirigente no Brasil na primeira metade do século xx; além dos trabalhos de Marcelo Ridenti (2000; 2010) e Daniel Pécaut (1989), que focalizam as produções culturais e práticas políticas engendradas por elas, ou, ainda, as práticas culturais engendradas por posições políticas definidas, no fim dos anos 50 e começo dos 60, fazendo uma conexão entre os artistas e intelectuais alinhados ideologicamente à esquerda e a criação de um clima revolucionário que marcou profundamente aquele momento histórico.

Para a situação local, têm-se como ponto de partida os estudos de Rossini Corrêa (1982), a respeito da movimentação cultural em nosso estado desde a década de 1940 e a importância dela no desenvolvimento do posterior cenário aqui estabelecido. Têm-se ainda os ensaios do poeta Nauro Machado (1996) sobre a situação das produções intelectuais, especificamente literárias, na cidade de São Luís e os embates ideológicos que delas decorreram, com especial destaque para Bandeira Tribuzi; e o elucidativo trabalho do historiador Wagner Cabral da Costa (2006) que trata da questão política e social no Maranhão de Vitorino Freire a José Sarney, nomes diretamente ligados aos temas desta pesquisa.

Utilizarei ainda, em larga medida, as análises de Henrique Borralho (2011), que funcionará como norteador para se entender de que forma estratégias políticas aliadas à força simbólica das ideias conseguiram incutir, no imaginário social da população de São Luís dos anos 60 e formatar na memória coletiva da sociedade ludovicense de hoje, um passado de glória de onde se tirou, no primeiro caso, argumentos para mudanças de perspectivas do cenário político e que, no segundo caso, serve para a manutenção do projeto concentrador de poder dos dias atuais.

Esta pesquisa tem como base documental obras literárias, crônicas, ensaios, matérias jornalísticas de artistas e intelectuais maranhenses produzidas na época, dentre as quais destacamos às de Bandeira Tribuzi, obviamente.

Parto de uma linha central de investigação baseada nos diários de notícias da capital maranhense. Neste sentido, utilizo o “Jornal do Povo” em larga medida pois este se caracterizava pela presença constante e discussão aberta dos temas que são motivos desta pesquisa, seja ele o específico - a atuação de Bandeira Tribuzi no cenário cultural e político ludovicense (Tribuzi foi diretor e editor o “Jornal do Povo” durante o período pesquisado neste trabalho), seja ele o tema geral, a saber, os embates políticos, a discussão direta a respeito das reformas sociais, das mudanças políticas, etc. Irei relacioná-lo ou confrontá-lo quando possível e necessário com outros dos principais jornais da época⁴.

⁴ A pesquisa feita nos jornais juntou artigos de todos os diários da imprensa ludovicense entre os anos de 1961, quando do início do governo Newton Bello e 1964, quando do fechamento do Jornal do Povo devido à subida dos militares ao poder no Brasil.

2 O INTELLECTUAL

A tarefa inicial de inserir Bandeira Tribuzi no contexto cultural ludovicense dos anos de 1960, e antes, quando do início da sua atuação nos idos dos anos 40, é um trabalho que está ligado, de todas as maneiras, à memória coletiva estabelecida hoje em dia como história oficial a respeito das movimentações e personagens que acometeram o cenário cultural em São Luís desde o começo do século XX.

Entende-se, por isso, que a tradição historiográfica que reserva hoje a Tribuzi um lugar de importância na renovação das artes na cidade diz muito além dos fatos em que se baseia sua existência. Ainda que importem tais fatos, importam muito mais o modo como eles foram remanejados através do tempo pelos intelectuais e políticos pares de Bandeira Tribuzi, e inclusive por ele mesmo.

Trata-se de percebê-los como resultado de disputas pelo poder simbólico⁵, como resultado da luta pela hegemonia de uma visão de mundo em detrimento de outras, pois que a história de São Luís como se conhece hoje foi sendo moldada pelos embates de ideias, de construções representativas⁶ que se formaram a partir do ponto em que a intelectualidade⁷ maranhense da primeira metade do século passado ascendeu também ao poder político, quando em 1966, José Sarney, um dos baluartes desse grupo, conseguiu chegar ao cargo de governador do Maranhão, levando consigo alguns outros representantes dessa famigerada intelectualidade.

Para tanto, é preciso fazer uma breve retrospectiva do que a historiografia oficial⁸ conta sobre o retorno de Bandeira Tribuzi à capital maranhense depois de

⁵ Pierre Bourdieu (2006) defende a existência de formas implícitas de dominação social: o poder simbólico, que consiste afirmação de capital simbólico, reproduzido por meio de instituições e práticas sociais, possibilitando a imposição de um consenso acerca do sentido do mundo social e que contribui para reprodução de uma ordem social dominante.

⁶ Para Roger Chartier (1985) representação designa o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais. Ainda segundo ele, representações podem ser pensadas como esquemas simbólicos e discursivos que organizam, delimitam e estruturam o mundo social.

⁷ O sentido de Intelectualidade com o qual se trabalhará neste estudo, decorrendo daí o conceito de Intelectual, está de acordo com Michael Löwy (APUD RIDENTI, 2003, p.164): "categoria social definida por seu papel ideológico: eles são os produtores diretos da esfera ideológica, os criadores de produtos ideológicos-culturais (...), escritores, artistas, poetas, filósofos, sábios, pesquisadores, publicistas, teólogos, certos tipos de jornalistas, certos tipos de professores e estudantes, etc"

⁸ Jomar Moraes e Rossini Corrêa são os dois nomes mais frequentes e de maior destaque dessa historiografia muito mais preocupada com a louvação do que com a discussão analítica a respeito dos fatos e feitos que envolvem os personagens do passado da nossa cultura.

formado na Universidade de Coimbra em Portugal, para se entender como e porque, a partir daí, ele foi sempre tido em alto conceito por seus pares em São Luís.

2.1 Tribuzi: a renovação no cenário cultural maranhense dos anos 40

É comumente passado pela historiografia oficial maranhense que Bandeira Tribuzi, ao desembarcar de volta à sua terra de origem depois da longa temporada de sua formação em Coimbra, foi responsável pelo sopro de novidade nas discussões e práticas artísticas em São Luís nos anos 40, e que sua participação em movimentos e empreendimentos culturais na cidade teve caráter decisivo na forma como se desenrolaram historicamente os processos relativos à situação das artes na cidade.

Festejado como o introdutor do modernismo no Maranhão com o lançamento do seu primeiro livro de poemas, “Alguma Existência”⁹, Tribuzi tornou-se para seus pares o marco da transformação cultural em São Luís. De acordo com os intelectuais e artistas que surgiram com Bandeira Tribuzi, “Alguma Existência” apresentou ao público, e, principalmente, a eles próprios, essa maneira senão nova certamente atrevida para os padrões estabelecidos há muito como realidade literária na cidade, pois os poemas presentes no livro eram

muitas vezes sem vírgulas, pontos ou outros quaisquer sinais lingüísticos utilizados para o discernimento linear da frase vocabularmente castiça e pura e no classicismo avesso a qualquer experimentalismo (e que aqui era como uma muralha intransponível construída sobre os muros de uma Atenas que se orgulhava de possuir o ultima sabiá ou curió de nossas matas pretensamente gregas), Tribuzi, a princípio, deve ter encontrado semente mofa ou escárnio por parte dos que cultivavam civilmente o solene soneto parnasiano, a lubricidade caduca a inferir-se e entranhar-se em modelos de estatuarias mitológicas ou a ode heróica a entronizar nos desfiles militarescos, as rimas bombasticamente patrióticas (MACHADO, 1996, p.12)

⁹ “Alguma Existência” foi lançado em 1948, pouco mais de um ano do retorno de Bandeira Tribuzi à São Luís, sendo ele o primeiro livro de relativa repercussão do grupo de literatos surgido nos anos 1940 em São Luís e logo “tornou-se pedra de toque de todas as conversas e discussões literárias, e também pedra de escândalo para muitos. Exagerado não seria afirmar igualmente Alguma existência tornou-se pedra de angular da nova poesia maranhense (...)”, diz Jomar Moraes sobre o livro. (in: TRIBUZI, 1986)

É desta maneira que os contemporâneos e estudiosos da obra de Bandeira Tribuzi o tem em conta. De forma unânime, deve-se acrescentar.

Ainda segundo o que está consolidado na história cultural maranhense, a renovação da qual Tribuzi foi um dos responsáveis estava também no fato dele ter trazido consigo de Portugal nomes como os de Fernando Pessoa e Mario Sá Carneiro, introduzindo suas obras e feitos estéticos no universo artístico de São Luís, universo ainda pouco afeito ou completamente distante das transformações que acometiam a cultura contemporânea no mundo todo, no Brasil, inclusive.

Rossini Corrêa, um dos pesquisadores mais requisitados quando o assunto em pauta são artistas e intelectuais do começo do século no Maranhão, e que faz parte da até aqui designada historiografia oficial da cultura no Maranhão, é categórico ao afirmar:

Quanto a Bandeira Tribuzi, sob perspectiva dinâmica, contaminou São Luís da vontade de discussão estética e renovação literária. Foi, reiteramos, o primeiro a proclamar, com livro-marco e com movimento cultural, a renovação estético-literária no Maranhão. Foi quando, realmente o modernismo radicou-se nas terras maranhenses, com aquilo que de mais expressivo conquistou para o artista brasileiro, resumido pelo mestre Mário de Andrade com a liberdade de pesquisa estética (CORRÊA, 1982, p.41)

O discurso do jornalista Carlos Cunha proferido no enterro de Tribuzi no Cemitério do Gavião, vai nesse mesmo sentido, baseando-se em sua importância para a cultura literária e intelectual do Maranhão:

Depois que retornou à nossa terra, graduado naquela Universidade, considerada na época a maior da Europa, estava disparada a maior ruptura cultural renovadora na história contemporânea do Maranhão. Na província, se fosse um intelectual descompromissado com seu povo, talvez não tivesse permanecido, a exemplo do que fazem os intelectuais de pretensa neutralidade em face da realidade sócio-econômica e política (CUNHA, 1979, p.51)

Ou seja, de acordo com esta historiografia oficial, o isolamento artístico, o atraso nos debates estéticos, o marasmo presente nas produções e reproduções culturais tornavam ao mesmo tempo - como argumentos que se justificam ou se

complementam um ao outro - São Luís em um lugar pouco afeito às novidades, pois que engessado nos limites estéticos estabelecidos ainda no século XIX, e Bandeira Tribuzi, com sua bagagem intelectual trazida da Europa, no homem capaz de estabelecer novos parâmetros ou alargar os parâmetros existentes na prática artística dos literatos ludovicenses; sendo ele, desta forma, e devido às circunstâncias de seu regresso de um centro importante de propagação de ideias e situação cultural da cidade à época, “forçado a organizar rupturas, comportando-se como um pioneiro e aguçando a renovação do ambiente literário vivenciado em São Luís” (CORRÊA, 1982, p.27).

A trajetória literária de Tribuzi na ilha começa com sua participação em movimentos culturais e fundação de revistas e suplementos literários dos diários de notícias da cidade na metade final da década de 1940.

O “Centro de Cultura Gonçalves Dias”¹⁰ e o grupo formado em torno da “Movelaria Guanabara”¹¹ tiveram participação ativa de Bandeira Tribuzi, assim como as revistas literárias “Malazarte” de 1948 e “A Ilha” de 1949¹². A movimentação em torno destes empreendimentos culturais foi responsável pelo aparecimento e renovação dos nomes do cenário da cultura artística de São Luís nesta época.

Erasmio Dias, J. Figueiredo, Lucy Teixeira, Carlos Madeira, Ferreira Gullar, Lago Burnett e José Sarney foram alguns dos intelectuais e artistas companheiros de Tribuzi nessas empreitadas - nomes consolidados hoje em dia como renovadores das artes em São Luís no século XX, por processos que, como se discutirá a seguir, estão atrelados muito menos à qualidade de suas obras e publicações, ou pela

¹⁰ O Centro de Cultura Gonçalves Dias foi fundado em 1945, organizava debates e cursos sobre várias áreas do conhecimento; “possuía um caráter formal com regimento próprio, reuniões periódicas e critérios para ingresso nos seus quadros. Sua organização era semelhante à da AML [Academia Maranhense de Letras] com um presidente, patronos e as mesmas quarentas cadeiras, além é claro, de seu patrono maior: Gonçalves Dias.” (BORRALHO, 2011, p.82)

¹¹ Reunia informalmente um grupo heterogêneo de intelectuais e artistas que discutia e praticava as novidades estéticas do modernismo em São Luís. Nas palavras de Rossini Corrêa (1982, p.38): “A Movelaria Guanabara foi um instante de tentativa de intervenção com o propósito de reverter a realidade do ambiente cultural de São Luís”

¹² Revistas literárias ludovicenses fundadas e dirigidas por Bandeira Tribuzi. Sobre os companheiros de Tribuzi dos periódicos, diz CORRÊA (1982, p.33): “Um esclarecimento é necessário. Os companheiros de Bandeira Tribuzi na direção do jornal Malazarte, foram o pintor J. Figueiredo, o teatrólogo José Brasil e o poeta Corrêa da Silva (...). Quanto à direção da revista A Ilha, Bandeira Tribuzi, que acreditou desde os começos em José Sarney, o convidou para reparti-la consigo, que dispunha dos recursos financeiros para as despesas editoriais. Tinha um conselho de redação formado por Lucy Teixeira, Erasmio Dias, Murilo Ferreira, Domingos Vieira Filho e Luís Carlos Belo Parga”.

repercussão dos seus ocasionais êxitos estéticos, do que a fatores que dizem respeito a força exercida pelo poder simbólico e político conquistados por estes, mais tarde, na metade final dos nos anos 1960.

Importante lembrar, não há neste estudo qualquer pré-disposição em julgar a qualidade e importância dos trabalhos e movimentos dos intelectuais e artistas do cenário cultural ludovicense dessa época, o objetivo é ir além: estudá-los a partir da perspectiva da construção discursiva de sua qualidade e importância por estes próprios intelectuais e artistas.

2.2 Modernismo e Tradição

A tradição literária e intelectual do Maranhão, e principalmente da capital São Luís, a “Atenas Brasileira”¹³, é conhecida por todos os que estudam a história do Maranhão, e motivo do orgulho provinciano que caracteriza a cidade, cuja origem e articulação discursiva remontam ao século XIX¹⁴.

Durante todo o século XX, recorrer a esse “passado glorioso” das letras no estado serviu para o engrandecimento da importância dos artistas e pensadores locais de diferentes gerações, muito mais: tornou-se estratégia de grande força simbólica utilizada das mais diferentes formas por quem detém o poder na capital maranhense, já que, como construção mítica, a “Atenas Brasileira” é uma das mais fortes construções identitárias da sociedade ludovicense¹⁵.

A geração a que pertence Bandeira Tribuzi teve início com publicações e movimentos culturais nos anos 40, e também se utilizou do discurso da Atenas para

¹³ Representação conferida a São Luís em virtude do expressivo movimento cultural existente no século XIX, cujo epicentro foi o ‘Grupo Maranhense’ do romantismo brasileiro, com destaque para Gonçalves Dias e João Lisboa, dentre outros. (COSTA, 2006, p. 238).

¹⁴ Sobre o mito da Atenas Brasileira cf. BORRALHO (2010), pesquisa abrangente com análises quase definitivas sobre os processos históricos e historiográficos que cristalizaram este mito na memória da sociedade ludovicense.

¹⁵ “As representações construídas em torno da Atenas Brasileira e da fundação francesa de São Luís têm sido consideradas como “mitos” e “mitologia”, destacando-se o fato de se tratar de “invenções”, ou como “símbolos”, em que se salienta o fato de que aquelas representações estão diretamente relacionadas a experiências vividas por diferentes sujeitos sociais. Em ambos casos, trata-se de representações através das quais alguns maranhenses se percebiam e se percebem como eruditos, refinados, herdeiros de culturas e valores europeus, construindo e experienciando a região a partir dessa perspectiva” (BARROS, 2007, p.29)

referendar sua importância, sobremaneira, vinte anos depois, quando José Sarney foi alçado ao posto de governador do estado e também presidente da Academia Maranhense de Letras¹⁶.

A reconstituição mais abundante do fenômeno cultural da década de 40 no Maranhão, começou a ser elaborada no segmento conclusivo da década de 60, sob a perspectiva de uma experiência política vitoriosa, de que participaram técnica e administrativamente, antigos e numerosos integrantes da sociedade literárias de São Luís (CORRÊA, 1982, p.23).

De acordo com este discurso, que determina de todas as maneiras formas de pensamento, posturas políticas e práticas culturais, esta geração de intelectuais e artistas, para constatar e reiterar a importância das suas atividades e produções diante da sociedade ludovicenses nos anos 60, tratava São Luís como um “ambiente favorável ao cultivo intenso das letras e das artes, isto que sempre foi e não poderá deixar de ser a glória mais alta do Maranhão”. (CHAGAS, 1961, Literatura e Safra...)

Nesse sentido, o próprio Bandeira Tribuzi afirmava que “o Maranhão [...] que nos brindou com verdadeira constelação de homens de cultura [...] não perdeu, no nosso entender o cognome de Atenas do Brasil”, pois o nosso estado

não vive só da glória do passado. Não se baseia apenas nos feitos de antanho. O seu apogeu de Centro do Saber permanece inalterável. Assim é que vemos, no presente, muitos e muitos filhos que o procuram dignificar, que tudo têm feito para que essa gloriosa tradição não se extinga, não desapareça, tanto no terreno da Prosa, como no da Poesia (BARUT, 1963. Livro Valioso...)

Deve-se destacar ainda que ao falar em São Luís “capital de cultura” no artigo sobre a exposição do pintor Inaldo Goulart em 1961 (TRIBUZI, 1961. IG no BNMG...) ou quando fala que o “Maranhão continua pródigo e fértil” (TRIBUZI, 1961. Poeta...) em resenha do primeiro livro do então jovem poeta Cid Abreu, ainda em 1961, Bandeira Tribuzi está corroborando de todas as formas para reforçar esta ideia que perpassa os discursos de grande parte dos intelectuais, artistas e políticos

¹⁶ José Sarney elegeu-se governador do Maranhão no pleito de 1965 derrotando os candidatos Costa Rodrigues e Renato Archer. E, ao assumir o posto em 1966, corou a ligação entre cultura e política no Maranhão, pois também tinha sido eleito presidente da AML no mesmo ano.

nos anos 1960. Com isso, legitima a pretensa grandeza de seus pares e sua própria atuação no cenário cultural maranhense.

No geral, pode-se afirmar que, apesar da “tradição literária e intelectual” local servir como exemplo e fundamentação da reprodução do discurso a respeito da grandeza da intelectualidade maranhense, o atraso social e econômico do estado e a situação política com entraves sérios faziam de São Luís, nos anos 60, um lugar em que o cenário cultural não ia muito além dos seus próprios termos.

José Chagas, em artigo no *Jornal do Povo* em julho de 1961 sobre o lançamento do novo livro de Tribuzi, e de outros livros que viriam a ser lançados depois no corrente ano, na mesma linha de raciocínio, diz que “evidentemente para designar o que vem ocorrendo, este ano, em nosso meio literário a palavra exata de ser mesmo ‘Safrá’” (CHAGAS, 1961, *Literatura...*). Empregando o termo Safrá, que dava título a mais um livro de poemas de Tribuzi¹⁷, para explicar os lançamentos de autores da literatura maranhense.

A safrá é de poesia que este ano, em São Luís, já se vem colhendo farta, como frutos de talento que não se deixam esterilizar no clima da província. Convém lembrar que a Safrá maranhense de 1961 começou com Nauro Machado, continua agora com Bandeira Tribuzi, prosseguirá com a romancista Arlete Nogueira, depois com um poeta novo, José Maria da Silva, e, tomara Deus, não termine tão cedo (ibidem).

Este nível de otimismo quanto aos lançamentos dos literatos locais não corresponde aos avanços estéticos nos debates e práticas artísticas destes mesmos literatos, que ainda eram poucos ou quase nenhum. Avanços estes que quando aconteciam eram nada mais que fruto da experiência e desenvolvimento pessoal de um número não muito expressivo dentre eles.

São notórias, ainda, em textos publicados no início dos anos 60, as tendências românticas e parnasianas datadas do século XIX. Não que houvesse regra qualquer em relação à filiação estilística para que se produzisse boa arte, apesar das discussões a respeito do tema na época, aqui isso é tomado apenas

¹⁷ “Safrá” foi o terceiro livro de poemas de Tribuzi lançado em 1961 pelo Departamento de Cultura do Estado.

como significativo das diferenças entre os artistas e intelectuais locais, que, de forma alguma, podem ser tachados sob a égide de uma mesma sigla.

Para efeito de ilustração desta afirmação, Nauro Machado, que começava a sua carreira poética na época, em artigos publicados no Jornal do Dia em 1961, debate com o também poeta Assis Garrido - cuja carreira literária de tom marcadamente romântico, lhe garantia uma cadeira na Academia Maranhense de Letras - e que, por sua vez, escreve suas réplicas em outro matutino, o Jornal Pequeno, acerca da situação da poesia em São Luís.

Os embates são ferrenhos entre Nauro e Assis - este último inclusive, em uma de suas réplicas, compara a prática poética do primeiro a um desvario modernista de menino e boêmio (GARRIDO, 1961. Carta aberta...), quando Nauro Machado, reconhecidamente defensor e praticante da poesia moderna, critica de forma incisiva as realizações literárias ainda muito ligadas às estéticas poéticas do século XIX de um estreante chamado Magson da Silva. (MACHADO, 1961. Bom dia...)

Ou seja, a pretendida renovação modernista que imputam à Tribuzi e a seus pares lá nos anos 40, não é de forma alguma regra geral no cenário cultural ludovicense, duvida-se inclusive de sua existência de fato. Mesmo entre os que se supunham renovadores do debate estético em São Luís, a prática modernista nas artes era deformada, ou melhor, reutilizada obedecendo a propósitos específicos.

Como o modernismo defendia mudanças, também aqui se falaria em nome delas, mas a renovação proposta não excluía a reatualização da tradição mítica da 'Atenas', a glória que era desejada necessitava do reavivamento dos 'velhos' gostos e valores, interpretados com velhas formas literárias. (LOPES, 2008, p. 40)

Através de uma análise mais rígida, percebe-se que tanto em prosa quanto em poesia ou em qualquer outra forma de expressão artística, a matéria principal dos artistas maranhenses sempre foi o passado, esse passado glorioso que está sempre a referendar a produção artística literária da época, de hoje e de sempre no Maranhão, mesmo as que se julgam ou são julgadas renovadoras ou capazes de rupturas.

Nos anos 60, esse passado glorioso, base que sustenta o mito da Atenas que vem lá do século XIX, que por manobras de legitimação então se misturou, sem conflito, ao discurso de renovação modernista nos 40, tornou-se, sobretudo, estratégia no embate pelo poder na capital maranhense, que ultrapassa

as barreiras dos planos artístico e literário e ganha a proporção política, à medida que o plano da intelectualidade é apropriado para referendar os político-intelectuais que se lançaram na política. A memória então é reinventada ou construída criando no plano imaginário popular um lugar ou presença de realidade dentro do poder simbólico das letras (BORRALHO, 2011, p.90)

A esse respeito, Henrique Borralho, um dos grandes estudiosos da utilização dos discursos dos intelectuais maranhenses para referendar projetos políticos de poder, e que constitui base importante do desenvolvimento deste trabalho, foi decisivo ao dizer que

o modernismo maranhense é muito mais uma disputa da memória local, difusa, complexa, sem grandes repercussões artísticas e estéticas, longe dos espaços de reprodução destes discursos. Foi utilizado muito mais para referendar uma cidade letrada, digo uma composição de intelectuais e literatos que anos mais tarde gabava-se de supostamente ter derrubado uma realidade “desoladora” quer econômica, quer intelectual. Estavam a todo o momento reinventando tradições e identidades locais, pois embora falassem de renovação das artes, letras maranhenses, a seta desta modernidade era apontada para trás, para o passado. Era a restauração do passado, da economia e da posição intelectual do Maranhão dentro do cenário nacional como outrora que alicerçava sonhos do por vir. O modernismo maranhense foi utilizado para referendar, legitimar lugar de inteligibilidade intelectual. Colocou, sem dúvida, uma nova poética, introduziu debates e discussões quanto ao rumo da pintura, mas seu alcance local ficou restrito aos pares que dele fizeram parte.

Teve vida efêmera e sua repercussão não abalou circunstâncias políticas locais como propalam seus participantes. Sua importância é até mesmo discutida, quando, já em início da década de 50, alguns dos integrantes dos Centros Culturais e dos Grupos ditos modernistas acentuavam uma nostalgia em relação ao passado e frustração quanto à renovação das artes e letras no Maranhão (BORRALHO, 2011, p.110)

3 O HOMEM POLÍTICO

Nos primeiros anos da década 1960, compartilharam-se ideias em São Luís que eram frutos diretos do processo de politização da camada intelectualizada da sociedade brasileira. Bandeira Tribuzi foi um dos representantes no estado, dessa tendência que, no decorrer dos anos 60, mas que vinha até mesmo de antes, nos anos 40, ocorreu fortemente em todo o território brasileiro, qual seja, o estabelecimento de uma íntima relação entre cultura e política a partir da atividade intelectual, bem como a aproximação de intelectuais com poder político.

As movimentações em torno da criação artística e produção intelectual como forma de mobilização social e política estabeleceram-se como consequência dos acontecimentos e transformações que, nesse período, acometiam o país - debates a respeito das reformas de base, renúncia de presidente (Jânio Quadros em 1961), os anseios e disputas pela revolução (de direita ou esquerda)¹⁸ da realidade social do Brasil -, e o estado, com as amplas discussões e movimentações em torno da reforma agrária, a contestação ostensiva ao governo de Newton Bello e os enfrentamentos no jogo de poder pelo destino político e social do Maranhão¹⁹.

Ou seja, de todas as formas, e tanto no contexto nacional quanto no contexto local, as movimentações e relações em torno do exercício intelectual e a atividade política como fomentador do debate a respeito dos rumos do país e do estado eram constantes.

Bandeira Tribuzi, bem como alguns de seus companheiros jornalistas e literatos, figurou de forma intensa nesse “processo complexo (...) da tentativa de renovação administrativa do Maranhão. Foi da escritura de pareceres, passando pela enunciação de sugestões, até a elaboração de planos de governo” (CORRÊA, 1982, p.54). A sua atuação se deu em várias frentes: nas movimentações e articulações sociais na cidade, nos debates políticos intensos na imprensa ludovicense e através do exercício oficial de funções no poder estatal.

¹⁸ Sobre os acontecimentos históricos que acometeram o Brasil no período imediatamente anterior ao regime militar que teve início no país em 1964 cf. RIDENTI (2010)

¹⁹ Sobre as movimentações políticas e sociais no Maranhão no início da década de 1960 cf. COSTA (2006)

3.1 Bandeira Tribuzi entre embates e lutas sociais

Bandeira Tribuzi sempre se definiu e foi definido como alguém próximo e sensível ao debate das questões sociais, das transformações políticas e econômicas de caráter humanista que remontavam as ideias socialistas do marxismo. Em toda sua história de homem público, esteve ligado sobremaneira à defesa das reformas sociais de base, das mudanças das relações no campo e melhor tratamento à população pobre do Maranhão.

Não à toa, seus companheiros na imprensa, seus pares na literatura e diversos setores da sociedade ludovicense tinham em boa conta sua dedicação às causas sociais através da sua reconhecida atuação como jornalista e poeta: “um animal político, na definição milenar de Aristóteles” assim Nauro Machado (1996, p.12) se refere à Tribuzi em ensaio sobre sua trajetória lírica-social.

Assim como sua reconhecida atuação como jornalista sensível às causas sociais, o trabalho artístico-literário de Bandeira Tribuzi foi fundamental para construir o discurso social e político pelo qual ficou conhecido. Alguns dos seus livros de poemas, muitas das suas crônicas e suas esporádicas aventuras na ficção tinham como matéria prima temas sociais e políticos relevantes para a sociedade de São Luís, do Maranhão.

Um dos temas mais recorrentes na produção poética de caráter social de Tribuzi era o campo, a questão agrária, as relações desiguais entre agricultores e latifundiários. Em *Rosa da Esperança*, livro que reúne poemas de Tribuzi lançado em 1950, versa ele sobre o campo:

Penso em / campo e em / menino / parado / com olhos / enormes, /
abertos / aguardando / a distância; / em ervas / rompendo / a crosta/
da terra / com fúria, teimosas / fecundas / e verdes; / em homens
curvados, / suados, / potentes, / violando o chão / poderoso; / no
ventre / da terra / molhado / de seiva; / na luta / em silêncio / do pão /
se construindo; / na fértil / colheita / que o vento / possui / e embala; /
no grande / vazio / do tempo / parado, / de terra / despida, / rudeza /
de fome / rasgando / os estômagos / e entrando / nos olhos /
enormes, / abertos, / guardando / a distância; / nos olhos - / - que
vemos / procuram, formigas - / do morto menino. (TRIBUZI, 1986, pp.
54 - 55)

Quando do trágico assassinato de oito camponeses em Pirapemas, cidade do interior do Maranhão, pela polícia militar do Estado em 20 de maio de 1962²⁰, após um congresso que reuniu mais de 4.000 trabalhadores que trabalhadores, intelectuais e políticos para debater sobre a reforma agrária e os graves problemas no campo (O SEMANÁRIO, 5 jun. 1962.), Bandeira Tribuzi utilizou-se mais uma vez do seu fazer poético para dar vazão à sua luta social: “E que dor não sofrerão / todos aqueles que assistem / misturar-se pelo chão / o sangue dos lavradores / com a terra por que lutavam / desafiando a opressão” (JORNAL DO POVO, Calvário em Pirapemas, 20 jun.1962).

É de conhecimento geral que as investidas para por em prática as reformas sociais de base ganharam força com a subida de João Goulart à presidência da república. Com histórico de apoio às causas reformistas, com Goulart no cargo mais alto do país ganharam força os diversos enfrentamentos políticos e sociais no interior da conjuntura da realidade nacional, pois que

durante os “tempos de Goulart” constata-se uma profunda transformação desse aspecto: a luta política e ideológica alcançam seus mais significativos desdobramentos a partir do momento em que envolveram outros setores da sociedade brasileira, como os trabalhadores urbanos e rurais, uma fração do contingente militar, estudantes e intelectuais (CZAJKA, 2004, p.40)

No Maranhão a coisa não se deu de modo diferente, esta era uma de suas principais pautas da discussão política e social; o problema das reformas, a agrária, mais explicitamente, constituía “um debate que evidentemente interessa de modo fundamental ao Estado” (JORNAL DO POVO, Tragédia Agrária, 21 fev.1961). O assunto era tão presente que, àquela altura, se chegava a afirmar que “A reforma agrária [era] inadiável” (JORNAL DO POVO, Reforma Agrária é inadiável, 6 jul. 1961).

Nunca se falou tanto em reformas como se fala hoje em nosso país. Quer no Parlamento, quer na Imprensa e Rádio, nos círculos econômicos, nos círculos estudantis, operários, políticos, técnicos,

²⁰ Fato que gerou inclusive uma greve geral de 24 horas em São Luís a partir de articulações de trabalhadores, estudantes e da imprensa oposicionista. “Greve Geral, a cidade solidária com a luta justa dos camponeses”, **Jornal do Povo**, 25 de maio de 1962.

religiosos não se cansam de afirmar, debater argumentar ou contraditar em torno das reformas (...) (TRIBUZI, 1961, Reformas...).

Em linhas gerais, esse era o espírito presente em alguns dos mais importantes intelectuais e políticos da época, bem como presente na população mais carente de oportunidades, como os camponeses e operários que, de uma forma ou de outra, em maior ou menor escala, participavam das agitações sociais e políticas no Maranhão do começo dos anos 60.

Não se que afirmar, ingenuamente, que a parcela total dos setores da sociedade ludovicense aqui citados estava envolvida diretamente em tais agitações, e nem muito menos afirmar, também ingenuamente, que estas agitações foram de tal modo intensas que estabeleceram uma nova dinâmica social e política na realidade maranhense - mais à frente, se analisará com mais cuidado essa relação entre discurso e prática daqueles que estavam envolvidos com essas ideias progressistas²¹ -, mas foi substancial o envolvimento direto tanto de jornalistas, políticos, estudantes e igreja, como de trabalhadores urbanos e da população pobre, composta quase que completamente por camponeses vivendo em situações deploráveis, nos debates e nas lutas que visavam à melhoria da situação social e econômica nacional e estadual.

Corroborando ainda para este olhar, a frequente a realização de congressos e seminários pelas organizações estudantis no Maranhão como a União Maranhense dos Estudantes Secundários (UMES), a União Maranhense dos Estudantes (UME) e o Centro Acadêmico da Faculdade de Direito de São Luís, em que as reformas sociais constituíam um dos assuntos principais de discussão.

Em 1961, aconteceram o Congresso da UMES que teve “a presença de mais de mil estudantes entre os quais sessenta por cento do interior do Estado” (JORNAL DO POVO, Congresso da UMES, 15 out. 1961); e o I Seminário de Estudantes do Maranhão, promovido pela UME, que teve participação efetiva dos intelectuais locais.

²¹ Optamos pelo termo ‘progressista’ em vez de ‘esquerdista’ por ser o termo comumente utilizado pelos personagens desta pesquisa ao referir-se às suas posições políticas.

A oportuna iniciativa dos acadêmicos maranhenses, que está despertando grande interesse nos círculos culturais e políticos de nossa cidade, tem o mérito de possibilitar a discussão e estudo dos problemas maranhenses, através de conferencia e debates de que participarão técnicos das mais diversas tendências. (JORNAL DO PVO, Hoje a solene instalação do primeiro seminário de estudos do Maranhão: UME, 6 maio 1961)

Até o começo do regime militar instaurado o país em abril de 64, essas movimentações que reuniam estudantes / organizações estudantis tiveram relativa constância. Novamente, Bandeira Tribuzi, dentre jornalistas, artistas, políticos em São Luís, etc, era a figura pública de maior destaque e com envolvimento mais próximo dessas movimentações. Não raro foi encontrar, durante a pesquisa feita para a construção deste trabalho, notícias a respeito dessas reuniões e da participação de Tribuzi em palestras e outras atividades desenvolvidas pelas organizações estudantis (JORNAL DO POVO, Estudantes debatem a reforma agrária, 18 out.1961).

Nas vezes em que a União Nacional dos Estudantes (UNE) e sua comitiva, cujo programa ligava cultura e política, passaram por São Luís, foi Bandeira Tribuzi o elo entre os estudantes, a sociedade civil e os intelectuais e artistas interessados nas discussões propostas pela organização.

Nessa época, a UNE era uma das organizações da sociedade brasileira mais atuante no cenário político e social do Brasil. Foi responsável pela criação de importantes movimentos culturais nos anos 60, o mais conhecido foi o Centro Popular de Cultura (CPC)²², que era um grupo de militância político-cultural que reunia intelectuais, estudantes e artistas das mais diferentes áreas e que tinha como objetivo a produção e propagação de arte baseada na experiência popular na “tentativa de acelerar a tomada de consciência política de classes vistas como (...) exploradas” (TORRES, 2008, p.28), através da educação pedagógica, artística e cultural dessas classes.

²²O centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE) surgiu como entidade de caráter político cultural em 1961, na cidade do Rio de Janeiro. Esse grupo reuniu, num primeiro momento, artistas, que estavam iniciando a carreira alguns intelectuais e estudantes de diferentes áreas. Entre os anos que atuou (1961-1964), criou setores artísticos, os quais tinham como objetivo a formação, criação e a divulgação de uma cultura de valores populares. (TORRES, 2008, p.27).

Entre 1961 a 1964, a UNE, com sua comitiva composta de estudantes, artistas e intelectuais, visitou São Luís em pelo menos três ocasiões, instalando-se, na cidade no fim de 1961, inclusive. Os diários de notícias da capital davam conta dessa iniciativa da UNE, que pretendia instalar-se em todos os estados do Norte e Nordeste naqueles anos.

Com a finalidade de fortalecer a unidade do movimento estudantil brasileiro, consolidar as reivindicações mais sentidas dos universitários deste Estado, encontram-se em São Luís desde ontem, os vices-presidentes da União Nacional dos Estudantes (UNE), universitários Álvaro Oliveira, Marco Aurélio Garcia e Roberto Amaral (DIÁRIO DA MANHÃ, UNE se instala em São Luís, 25 out. 1961).

Em 1962, através desta primeira iniciativa e do contato maior com os estudantes e intelectuais maranhenses, viria a São Luís a UNE volante, “uma comitiva da União Nacional dos Estudantes (UNE) composta de 27 pessoas com a finalidade de realizar conferências sobre assuntos políticos e culturais” (JORNAL DO POVO, UNE-volante chegará dia 24 em São Luís, 9 abril 1962). Segundo o Jornal do Povo, viria como parte integrante da organização

o Centro de Cultura Popular (CPC) o qual deverá elevar à cena três peças teatrais e promoverá a exibição do filme “Cinco vezes favela” que representa uma nova tendência no cinema nacional. Segundo colhemos 2 das peças teatrais serão encenadas no Cine Teatro Artur Azevedo

Ainda de acordo com a matéria, o CPC da UNE também promoveria em São Luís um intercâmbio entre seus atores e teatrólogos com os artistas locais a fim de discutir os problemas do setor cultural no país e na capital maranhense. Pretendia, ainda, “realizar conferências nas entidades representativas dos estudantes, operários e camponeses e das classes produtoras sobre os problemas que afligem a população brasileira” (Ibidem).

Em maio de 1963, a comitiva da UNE passaria por São Luís novamente, com a apresentação de peças em espaço públicos da capital, e exibição

cinematográfica do filme “Cinco vezes Favela”²³ no cinema Édén, um dos maiores cines da cidade. Em todas às vezes, Bandeira Tribuzi esteve ligado à essas movimentações da UNE em São Luís, junto com as organizações estudantis da cidade.

Ainda em 1963, por sua atuação intelectual ativa no cenário ludovicense, Bandeira Tribuzi tornou-se encarregado pela presidência da Frente de Mobilização Popular (FMP)²⁴ do Maranhão, um movimento “amplo em favor das reformas, órgão de mobilização de base”, e que pretendia “a imediata mobilização de todo o povo, numa frente única da qual não poderá deixar de participar nenhum patriota, consciente de seus deveres para com a comunidade brasileira” (JORNAL DO POVO, Manifesto. A convocação é geral: todas as classes estão mobilizadas para as lutas das reformas, 7 maio 1963).

Em seu elucidativo estudo, Wagner Cabral da Costa (2006, pp.77-78) diz o seguinte:

Em São Luís, cresciam as mobilizações de estudantes, trabalhadores e intelectuais em torno das bandeiras nacionalistas e reformistas, que empolgavam o país às vésperas do golpe de 1964. A maior expressão dessas iniciativas foi a organização da Frente de Mobilização Popular (FMP), como órgão de coordenação da luta pelas reformas de base e pela constituição de um governo nacionalista. Fundada em fins de 1963, sob a presidência do poeta Bandeira Tribuzi, a FMP teve uma composição bastante diversificada, congregando entidades estudantis (União Maranhense de Estudantes), lavradores (ATAM), trabalhadores urbanos (sindicatos, Pacto de Unidade Sindical, CGT), associações de bairro, o Grupo Parlamentar Nacionalista, dentre outros.

A fundação dessa frente remonta-nos aos nomes de Leonel Brizola – figura política progressista que atuava em todo o país, sendo inclusive, quando governador do Rio Grande do Sul, homenageado pela câmara municipal com o título de

²³Dividido em cinco episódios, cada um a cargo de diretor diferente (Joaquim Pedro de Andrade, Marcos e Farias, Miguel Borges, Leon Hirszman e Carlos Diegues) esta é uma das obras tidas como fundamentais para a instalação definitiva do movimento do Cinema Novo. O filme é uma realização do CPC e, como tal, busca difundir através da arte cinematográfica o discurso político e social fundamentador do grupo.

²⁴Formada em 1963, a Frente de Mobilização Popular reunia as principais organizações civis da época, estudantes (UNE), os operários urbanos (CGT, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria), ligas camponesas, parlamentares, grupos ligados a partidos e até militares subalternos. Sob liderança de Leonel Brizola, o principal objetivo da frente era forçar o governo Goulart a implementar as reformas sociais de base.

“Cidadão de São Luís” em 1961 (JORNAL DO POVO, Leonel Brizola hoje em São Luís – para receber título, 15 nov. 1961) – e Neiva Moreira²⁵, considerado “uma das inteligências mais brilhantes do atual Congresso Nacional [...], indiscutivelmente, o futuro líder da corrente nacionalista neste país” (JORNAL DO POVO, Neiva Moreira na imprensa do Sul. Golpe de Direita – da folha de São Paulo, 1 maio 1963).

Quando da já referida vinda da UNE a São Luís em 1963, o Jornal do Povo entrevistara José Carlos Brandão Monteiro, vice-presidente do órgão estudantil, a respeito da FMP, da qual participava também a União Nacional dos Estudantes, explicava ele sobre os encontros organizados pelo órgão na cidade:

Mantivemos contato com o movimento estudantil, participamos de assembleias com universitários maranhense explicando a participação da UNE na frente e convocando os universitários a participação ativa na luta pelas reformas [...]. Pretendemos ainda antes de regressar travar os contatos necessários com todas as organizações populares com o fim de debater-se a estruturação desse Estado na Frente (JORNAL DO POVO, Estudantes maranhenses participam ativamente da luta pelas reformas, 23 de maio 1963).

Em nível nacional, a figura maranhense que se manteve mais ativamente ligado a FMP foi Neiva Moreira, que durante os anos de 1959 a 1963 era Deputado Federal, exercendo papel decisivo na formação de frentes de luta a favor das reformas sociais que, como se tem dito insistentemente nesta pesquisa, constituíam nos fins de 50 e começo de 60 a principal reivindicação social e política da ala progressista da sociedade brasileira. Enfim, como se pode ver, um dos aspectos dessa luta e atividade política de Tribuzi foi através do seu exercício como intelectual e jornalista, que se deu principalmente no Jornal do Povo, “a trincheira política dos articuladores da contra-hegemonia anti-oligarquica (...) co-dirigido por Neiva Moreira e Bandeira Tribuzi” (CORRÊA, 1982, p.46).

²⁵ Neiva Moreira nascido em Nova Iorque - MA, no dia 10 de outubro de 1917 e morto em São Luís - MA no dia 10 de maio de 2012. Foi jornalista e político de caráter progressista.

3.2 Jornal do Povo: o reduto da luta oposicionista

O Jornal do Povo, diário matutino que chegava às ruas e casas de São Luís seis vezes por semana, foi fundado pelo deputado José Neiva de Sousa em abril de 1950 e fechado 14 anos depois, logo da ocorrência do golpe militar, em abril de 1964, sob a direção do também deputado Neiva Moreira, que assumira o comando do jornal alguns anos antes.

Teve grande destaque na imprensa da época ao acompanhar de perto os acontecimentos históricos da sociedade maranhense durante todo o período em que existiu, e desempenhou, por seu caráter contestador, papel fundamental no desenrolar destes acontecimentos, principalmente em dois momentos específicos.

Um desses momentos foi durante a greve de 1951, quando o Jornal do Povo, ligado ao Partido Social Progressista (PSP), um dos principais partidos no jogo pelo poder no estado e no país, constituía uma das bases do movimento de oposição política à posse do governador Eugênio de Barros, candidato ligado ao senador Vitorino Freire, que, por sua vez, era a figura maior do grupo político que, como já dito, exercera, por vários anos, completo domínio nas esferas do poder público no Maranhão²⁶. O outro foi no início dos anos 60, quando Newton Bello vencera as eleições estaduais tendo o direito de governar o Maranhão nos próximos cinco anos.

O JP, como ficou conhecido na cidade, entre os anos de 1960 e 1964, foi o diário de notícias maranhense que mais publicou artigos a respeito das reformas sociais de base pretendidas pela parcela denominada progressista da sociedade brasileira, e ficou conhecido por de fato ter disso um dos sustentáculos midiáticos mais importantes das figuras políticas que faziam oposição à oligarquia vitorinista - estas figuras encontraram no nele um importante apoio no embate contra aqueles que se posicionavam e agiam de acordo com as diretrizes do partido e da figura do então senador Vitorino Freire.

No dizer de Wagner Cabral da Costa (2006, p.78):

²⁶ Sobre a greve de 51 e os enfrentamentos políticos decorridos dela cf. COSTA (2006)

A todos esses movimentos o jornal do Povo dava visibilidade e expressão através de suas páginas, nas quais pode-se acompanhar o acirramento do conflito político-ideológico no país, bem como as diversas formas de manifestação política dos setores nacionalistas e reformistas locais, aglutinados em torno do matutino

Pode-se afirmar que havia no Jornal do Povo “um amálgama entre o ideário político reformista e nacionalista e o discurso de oposição ao vitorinismo no Maranhão” (Op. Cit. p.78). E mais que isso, ao mesmo tempo em que debatia a respeito da política praticada no Maranhão, e das repercussões da política do contexto nacional, o JP mostrava-se aberto às discussões que envolviam a situação das artes e cultura local, principalmente divulgando e estabelecendo certo diálogo com as produções dos artistas e intelectuais de São Luís.

É interessante lembrar que um número significativo de jornalistas, literatos e figuras políticas de peso no estado passou pelo jornal, escrevendo desde matérias denunciativas das mazelas locais, textos de alto conteúdo ideológico chegando à beira do doutrinário, cartas exigindo dos governantes melhoras na situação econômica do estado, até textos de louvores às belezas maranhenses (em poesia ou prosa), crônicas sobre a vida em São Luís, artigos de polêmica entre artistas e intelectuais maranhenses, etc.

Ou seja, o Jornal do Povo dava suporte às produções e os intelectuais do cenário cultural ludovicense da época ao mesmo tempo em que retirava deles o prestígio necessário para se manter com um dos principais diários de notícias da cidade. E, sobretudo, como era um jornal declaradamente progressista e oposicionista, tinha nesses intelectuais um sustentáculo desse discurso. O jogo de interesses esteve sempre presente e foi explícito nessa relação.

Estes exemplos dão a medida da importância e grande atuação desse matutino cuja sigla estampada em cada edição lançada era “contra a opressão e a injustiça social”, e que não perdia a oportunidade de autodenominar-se “progressista e democrático” em seus editoriais, na maioria das vezes, escritos pelo deputado federal Neiva Moreira, que assumira o comando do jornal em 1954, dando o direcionamento político e ideológico pelo qual ficou conhecido, ou por Bandeira Tribuzi, que foi seu diretor de redação por alguns anos na década de 60, e cuja atuação no cenário cultural maranhense é reconhecidamente notável.

Bandeira Tribuzi era o grande nome da articulação entre cultura e política no começo dos anos 60 em São Luís, e foi através da sua atuação a frente do JP que ele se mostrou, e à sociedade ludovicense, interessado nas mudanças sociais que se debatia àquela época na capital, bem como no estado. Mas além da sua atuação como jornalista crítico do governo de então e da situação política maranhense no começo dos anos 60, Tribuzi também julgou-se capaz de mudanças na realidade do estado pelo lado oficial da política.

3.3 Nos meandros do poder

O Maranhão do começo da década de 1960 era governado por Newton Bello, cuja figura era ligada ao grupo de Vitorino Freire e seu PSD²⁷, então senador da república e o chefe político de uma da oligarquia que tomou de conta do estado durante boa parte da primeira metade do século XX. O JP assim se refere a Newton Bello em um editorial que fala sobre a expectativa do seu mandato nos quatro anos seguintes:

O sr. Newton Bello não é nome novo na política maranhense nem é um estilo novo na política maranhense. Seu nome como seu estilo são por demais conhecidos: há mais de 15 anos se enfileira ele entre as figuras mais ou menos notórias do vitorinismo, e embora viva agora dizendo que seu primeiro proposito é liquidar o Vitorino e sua gente, pode mesmo ser apontado com um dos mais fieis papeis carbonos do próprio Vitorino Freire no que ele tem de pior (JORNAL DO POVO, Credito de desconfiança, 20 fev.1961).

Duramente contestado pela ala reformista da sociedade e das entidades políticas maranhenses, reunida no grupo suprapartidário e heterogêneo denominado

²⁷ Victorino Freire nasceu em Pedra de Buíque – PE no dia 28 de novembro de 1908 e faleceu em Rio de Janeiro – RJ no dia 27 de agosto de 1977, foi um político e diretor dos jornais "Diário de São Luís" e "A Tarde". O partido Social Democrático (PSD), comandado por Vitorino no Maranhão, era "um partido hegemônico na cena nacional, ligado de maneira umbilical às estruturas do Estado brasileiro, (...) se caracterizava ainda 'pela sustentação dos mandonismos locais', contexto que possibilitou ao político pernambucano tornar-se um 'preposto civil do poder central' um dos 'coronéis do PSD, posição essa adquirida dado o controle político que exercia sobre o Maranhão', transformado em 'autentica propriedade política' do Partido. Nestes termos, o PSD/MA 'chegou a se confundir com o próprio vitorinismo'" (CALDEIRA apud COSTA, 2006, p.37)

“Oposições Coligadas”²⁸, Newton Bello era tomado como o próprio atraso em todos os aspectos vivido pelo Maranhão naquele período: autoritário, corrupto e retrógado – o governador “coronel Newton Bello”, pejorativamente chamado de “cara de onça” pelos mais destemidos do jornalismo local²⁹, carregava consigo o legado de vinte anos da oligarquia vitorinista, “um projeto autoritário e contrário às *tradições* maranhenses, perpetuando-se no poder através da violência e fraude eleitoral” (COSTA, 2006, p.16).

Em um dos tantos textos publicados no Jornal do Povo em oposição ao governo de Newton Bello e de ataque a oligarquia vitorinista no Maranhão, diz o seguinte Bandeira Tribuzi:

O vitorinismo fez um estrago tão grande ao Maranhão, tanto no que diz respeito a costumes políticos, tradição cultural como no que tange à incapacidade de promover o desenvolvimento econômico que hoje nosso Estado é uma decepção para todos aqueles que vejam forçados a fazer comparações com o grau de progresso de outras terras, por mais que o bairrismo queira defender – nós da tristeza somos obrigados a reconhecer que é decepcionante a nossa condição.

Tanto mais decepcionante quanto a inercia que é a tônica do governo parece ter contaminado inclusive numerosos outros setores da vida maranhense; a própria iniciativa privada não tem iniciativa e parece contentar-se com as migalhas que tombam da mesa do poder, no setor cultural o retrocesso é evidente: a Academia facilita uns e o descaso (que é sobretudo do governo mas não é só dele) desestimula outras – a fuga para outros Estados tem sido solução aos que não querem ser marginalizados (TRIBUZI, 1963, Considerações...).

Como se pode perceber, politicamente, ainda era forte no estado a presença do coronelismo característico das zonas rurais e regiões menos desenvolvidas do país. Mas, apesar, do jogo político aqui apresentar-se na superfície como sendo entre “oposição progressista” e a “situação retrógada”, o Maranhão era caracterizado por “disputas intra-oligárquicas pelo controle do aparelho estatal” (RIBEIRO, 1997,

²⁸ Frente política autodenominada progressista e liberal que reunia diversos personagens e partidos do cenário local como força opositora ao grupo político comandado pelo PSD de Vitorino Freire.

²⁹ O jornalista Kleber Leite em “Terra de Ninguém: Histórias fatos do Maranhão vitorinizado de agora” (196?) caracteriza de forma irônica e pejorativa os políticos e simpatizantes do grupo de Vitorino Freire - que, por exemplo, é descrito como “Vituca, o pajé ou pai de santo da política pessedista.”

p.93 apud COSTA, 2006, p.41), onde as articulações se mostravam mais fortes e constantes no interior dos próprios grupos políticos ali formados³⁰.

Ou seja, em certa medida, por mais que se estabelecesse ou se fizesse parecer um embate entre grupos homogêneos e auto definidos espontaneamente a partir de elementos intrínsecos à existência deles - de um lado, os reformistas alinhados politicamente à oposição de caráter progressista, e, do outro, os conservadores cujo objetivo primordial era a manutenção do poder conquistado -, a situação política maranhense abrangia uma complexidade maior de relações, isto é, o jogo de interesse pelo poder no estado na época não se dava apenas como confronto entre dois lados estanques e com personagens políticos completamente determinados pelas causas ideológicas dos seus partidos ou coligações. Apesar de alguns não abrirem mão de suas posições a respeito de como se desenrolava esses embates políticos, outros estavam mais dispostos a chegar ao poder independente de posições pré-determinadas.

Rossini Correa (1982, p.44) dá a dimensão certa dessa situação quando diz que “a Vitorino Freire (PST-MA/PSD-MA) muitos combateram. No combate, muitos redefiniram-se ou resignaram-se, e, descontadas as desistências, um pequeno segmento prosseguiu, resistindo e combatendo”.

Nessa luta oposicionista, Bandeira Tribuzi tentou por duas vezes entrar por vias oficiais na estrutura política maranhense: foi candidato a vereador da câmara municipal de São Luís pelo PSP-MA em 1958 e a deputado estadual à assembleia legislativa do Maranhão também pelo PSP-MA em 1962, não conseguindo eleger-se em nenhuma das tentativas. Apesar dessas tentativas fracassadas de participar da política oficial, Tribuzi teve participação decisiva na concepção de uma pretendida nova realidade em aspectos diversos do estado: O “Maranhão Novo”³¹.

Na metade dos anos 60, com os acontecimentos históricos derivados da tomada do poder no país pelos militares, a política maranhense teve uma reconfiguração estrutural importante. O até então oposicionista José Sarney, com

³⁰ As dissidências e disputas internas nos grupos locais eram uma constante no cenário político maranhense da época. Notemos apenas que José Sarney, governador do Maranhão entre 1966 e 1971, foi um dos maiores detratores do grupo vitorinista, mesmo sendo oriundo dele. Os próprios concorrentes derrotados por Sarney no pleito eleitoral de 1965, Costa Rodrigues e Renato Archer, eram indicações das duas partes que surgiram do racha ocorrido no interior da oligarquia vitorinista.

³¹ O Maranhão Novo foi o slogan da campanha de José Sarney para o governo do estado, constituiu-se como mais uma construção discursiva que pretendia estabelecer na sociedade maranhense a ideia de renovação política-administrativa e de modificação na estrutura social no estado.

apoio dos militares, consegue eleger-se governador do Maranhão enchendo a população de esperanças e aumentando os anseios por mudanças substanciais no estado.

A subida de José Sarney representou também o surgimento de

novas lideranças, contestando a hegemonia de Vitorino e pregando renovação política. Disputaram as eleições para Governador do Estado José Sarney – representante das correntes de oposição a Vitorino Freire – e Renato Archer, com candidato do velho caudilho. Com a vitória de Sarney, sofreu Vitorino Freire sua primeira derrota na política maranhense.

Mudam os personagens do poder político. O governador eleito pertence à geração de Bandeira Tribuzi. Ambos participaram de movimentos literatos, publicaram revistas e se aproximaram por laços de amizade. Convidado por José Sarney para integrar sua equipe de assessores, o escritor tornou-se logo seu principal colaborador. Começa para Tribuzi uma nova fase de intensos trabalhos. Era um homem talhado para elaborar e colocar em execução os planos econômicos-sociais do novo governo. De fato, exerceu muitas influências nessa administração. Projetou suas diretrizes principais, imprimindo uma dinâmica capaz de sacudir a estagnação do Estado (CUNHA, 1979, p.35)

Tribuzi, amigo pessoal e companheiro de labuta literária de Sarney, foi convidado, assim como outros intelectuais e literatos, a participar dessa 'nova' etapa da história maranhense. Por sua experiência em cargos públicos administrativos - foi funcionário do DNER durante algum tempo exercendo a função de economista -, Bandeira Tribuzi tinha informações privilegiadas sobre a situação econômica do Maranhão, não à toa escreveu ensaios sobre a trajetória econômica do Maranhão até então, e por essa experiência julgou-se que ele fosse um "técnico capaz de novas mudanças sociais" (MACHADO, 1996, p.12), importante nessa construção do novo Maranhão.

De fato, ele foi ativo no governo, apresentando projetos e planos estruturais que identificavam os problemas sociais e econômicos do Maranhão, apresentando alternativas e soluções para eles. Por essa atuação, além do governo de José Sarney (1966 - 1971), participou também do governo de Pedro Neiva Santana (1971 - 1975), candidato de outro grupo político.

Mas a relação de Tribuzi com o governo Sarney, especialmente, não tem a ver apenas com o lado técnico e político, ela faz parte de toda uma construção discursiva que legitimava esta pretendida nova etapa da história maranhense. A seguir, pretende-se debater e analisar com mais atenção essa situação.



Figura 1 - Bandeira Tribuzi em campanha eleitoral para Deputado Estadual no ano de 1962 no Jornal do Povo

3 INTELLECTUAIS E POLÍTICA

No Brasil, a íntima relação entre intelectuais e o poder político sempre fora marcado por interesses específicos, que, como se discutirá neste capítulo a partir da contraposição entre os estudos de MICELI (1979) e PÉCAUT (1989), poderiam estar ligados à realização de propósitos individuais ou ser substrato de posições estabelecidas a partir de um projeto político coletivo.

Desde os anos 20 do século passado, sucessivamente, com variações estratégicas e diferenças conceituais importantes, a construção de um projeto de nação tornou-se fundamental na vida intelectual brasileira. Algumas gerações de intelectuais brasileiros, desde então, preocuparam-se em invocar, trazer à pauta de discussão, a realidade nacional seja através da definição de uma identidade cultural ou do projeto de desenvolvimento econômico.

O Modernismo foi talvez a principal forma pela qual a construção de projeto de nação pelos intelectuais se fez perceber primeiramente, foi a partir dele que a relação entre o nível cultural e o político da nossa realidade se tornou quase indissociável ao discurso sobre a formação nacional que esteve presente boa parte do século XX (PÉCAUT, 1989, p.27).

Outro aspecto a ser observado nessa relação é que a intelectualidade do país passou a estar ligada de alguma forma ao Estado, seja legitimando-o através de ligação institucional e ideológica, seja como articulação nas frentes que punham em debate as relações de poder entre a sociedade civil e a classe política do país.

É desse eixo de análise que partimos para discutir a íntima relação dos intelectuais e o poder, primeiramente em âmbito nacional depois para o caso maranhense, quando, nos anos 60, a participação de intelectuais no poder governamental é a um mesmo tempo legitimada pela atuação deles no cenário artístico-cultural ludovicense e legitimadora de sua importância e posições na sociedade de São Luís..

3.1 O contexto nacional

Nos 60, o ambiente no Brasil era de incessante agitação social, com mudanças políticas importantes e de muita atividade cultural. Havia um crescente interesse nas várias camadas da sociedade brasileira pelo destino da nação, o clima estava propenso aos debates a respeito da situação nacional e do futuro do país, e aos embates declarados entre essas camadas sociais, embates cujos motivos se davam primordialmente pelas disputas no meio intelectual e político da época.

Podemos dizer que os primeiros anos da década de 1960 foram o clímax da participação social, da estruturação e desenvolvimento de uma forte expectativa por transformações significativas no Brasil, que já vinha se definindo há pelos menos vinte anos, em quase todos os setores da sociedade (RIDENTI, 2010). Artistas, intelectuais, jornalistas, formadores de opinião em geral, bem como políticos, líderes militares, camponeses, estudantes, representantes da igreja, etc., estavam profundamente imersos nos confrontos diretos ou velados pelo poder, encarando-o como uma via pela qual pudessem realizar projetos coletivos de mudanças estruturais na realidade nacional.

O espaço social em que estavam envolvidos os representantes destas diversas camadas da sociedade brasileira era por vezes marcado pelo embate, por vezes pela comunhão, por vezes pelas duas coisas ao mesmo tempo, nos campos das ideias e das práticas políticas. O papel que cada um desses agentes sociais tomava para si nas lutas pelo poder, como fundamentador de práticas e condutas identificadoras de suas posições e princípios, era gerado pelas crenças ideológicas em voga no período.

Contudo, indo além dessa visão, não se quer afirmar que tais posições eram estanques, no geral, definitivas. Como se sabe hoje, e como já se sabia inclusive ali na década de 60, no calor dos acontecimentos, havia muitas divergências conceituais e práticas entre os que caminhavam de acordo com posições políticas

esquerdistas³², e que, mesmo entre aqueles (auto) proclamados conservadores, havia discordâncias sérias a respeito do conteúdo ideológico e, principalmente, quanto ao direcionamento das ações desses representantes sociais³³. O que torna muito mais problemática a constituição e definição de camadas sociais uniformes àquela época.

Mas esse processo em que os intelectuais se propuseram a pensar o Brasil através de suas atividades artístico-culturais já tinha começado, como dito acima, especificamente desde o movimento modernista. Estrato social importante nesse processo de debate político nacional, atuaram em diferentes frentes e com posições políticas diversas, sendo extremamente problemático uniformiza-los todos a partir de uma matriz comum, como a sua prática cultural.

Desses intelectuais - que a partir de agora serão referidos no trabalho reunidos sob a égide da geração de 30 - alguns se alinharam a uma postura política mais conservadora e autoritária, juntando-se ao "Integralismo", por exemplo; outros preferiam alinhar-se às diretrizes oficiais do Estado, fazendo parte inclusive do corpo administrativo dele, e outros se alinharam ideologicamente a ideias progressistas de esquerda que ajudou a estabelecer o clima de tensão revolucionária dos anos 60.

Raros foram os participantes da Semana de Arte Moderna que não se alinharam, logo depois, como militantes no terreno do nacionalismo: seja o nacionalismo conservador ou nacionalismo progressista, nacionalismo patriótico ou nacionalismo esclarecido. (PÉCAUT, 1989, p.27).

A organização de grande parte dos intelectuais a partir dos anos de 1920 obedeceu a critérios específicos e estratégicos de interesse pela hegemonia não apenas cultural como política desses intelectuais, através de filiações às carreiras

³² NAPOLITANO (2004), PÉCAUT (1989) e RIDENTI (2000) apontam, em seus estudos, quão complexas eram as relações entre aqueles que se identificavam com as propostas intelectuais, políticas, econômicas e sociais da esquerda no Brasil da década de 1960. Os intelectuais, artistas e políticos que, em fim dos anos 50 e durante boa parte dos anos 60, se envolveram diretamente com o pensamento esquerdista situavam suas ações e proposições de formas ideologicamente diversas; *vide* as variadas organizações, frentes e facções partidárias surgidas no seio esquerdista nesta época.

³³ Em "Trinta anos esta noite: 1964, o que vi e vivi", Paulo Francis nos informa, a partir da sua experiência jornalística na cobertura dos anos imediatamente anteriores ao golpe de 64, sobre as disposições de cada frente militar e suas diferenciações no modo de encarar o futuro do país; diferenciando principalmente os militares formados na Escola Superior de Guerra dos militares que eram influenciados pelas ideias dos combatentes da Força Expedicionária Brasileira.

administrativas e burocráticas no Estado, servindo aos propósitos, da mesma forma, hegemônicos da elite dirigente o país.

Desta maneira, a relação entre intelectuais e a elite dirigente, neste momento, foi marcada pelo empenho em preservar e ao mesmo tempo ampliar a presença dominante de ambos os lados no campo das instituições políticas do Estado bem como no campo da produção cultural das diversas categorias de intelectuais. O principal modo pelo qual essa relação se fez existir, foi por meio da cooptação dos intelectuais pela elite dirigente do país, colocando-os em variados e importantes cargos públicos administrativos, que em uma via de mão dupla tornava o Estado “o principal investidor e a principal instância de difusão e consagração no campo da produção cultural” e fazia da intelectualidade o sustentáculo dessa relação de poder que firmava à sua feição o caráter institucional do Estado (MICELI, 1979).

A análise de Sergio Miceli está focada nos anos que vão da década de 20 até a de 40, quando da ascensão de Getúlio Vargas e da presença marcante de uma elite dominante cuja política era, em essência, centralizadora e apoiada em um aparato burocrático.

Interessante lembrar que a formação de uma “inteligência”, nesse período, foi possibilitada pelos nexos sociais que os intelectuais que dela participaram tinham com as oligarquias agrárias do país do começo do século XX, sendo, assim, indissociável da disposição por suas manifestações intelectuais à história e o lugar social de onde vieram. E que, a partir do declínio econômico das referidas oligarquias rurais, a alternativa de manutenção de status e poder social desses intelectuais ligou-se diretamente ligada aos propósitos oficiais do Estado. Ou seja, era de todas as formas um jogo de interesse.

Durante o regime Vargas, as proporções consideráveis a que chegou a cooptação dos intelectuais facultou-lhes o acesso aos postos e carreiras burocráticas em praticamente todas as áreas dos serviços público (educação, cultura, justiça, serviço de segurança, etc.). Mas no que diz respeito às relações entre os intelectuais e o Estado, o regime Vargas se diferencia sobretudo porque define e constitui o domínio da cultura como um “negócio oficial”, implicando um orçamento em todos os setores de produção, difusão e conservação do trabalho intelectual e artístico (MICELI, 1979 p.131).

Tentando relativizar e, acima de tudo, ampliar essa análise de Sergio Miceli sobre o entendimento da relação entre política e intelectuais no Brasil entre os anos de 1920 e 1945, Daniel Pécaut (1989, p.21) percebe a dinâmica dessa relação a partir de outro ponto de vista:

Da mesma forma, as convicções políticas não foram meramente ditadas pelas conveniências de acesso aos empregos, como também a circunstância de serem herdeiros sem heranças não basta para explicar por que esses intelectuais se sentiam investidos de uma missão política. Para compreender este fenômeno, é preciso considerar o modo como interpretaram politicamente as suas vicissitudes. Estavam, acima de tudo desiludido com a República, não por ela ter arruinado a influência das oligarquias, mas, ao contrário, por ter permitido que essa influência se prolongasse indefinidamente no quadro das transações regionais. Aspirando à organização da nação pelo poder, reagiram contra a “oligarquização” das instituições. E sua politização não foi um pretexto para promover interesses próprios, antes de tudo, expressava sua conversão à ação política.

Para Pécaut, essa geração de intelectuais, ao se dispor em participar da construção da sociedade e instituições nacionais através do exercício burocrático de funções públicas importantes reatando desta maneira o prestígio, perante o Estado, das elites dominantes de onde vieram, estava assumindo uma posição política anterior ao, e até geradora do, jogo de interesse acima mencionado. Em outra passagem de sua análise, inclusive, Pécaut deixa claro que não pretende, com isso,

eliminar o uso da noção de interesse; toda categoria social empenhada num tarefa de elaboração ideológica também pode ser legitimamente percebida como buscando o reconhecimento ou a organização dos seus próprios interesse. Contudo, na falta de um campo cultural autônomo, capaz de produzir uma hierarquia institucionalizada de posições, esses interesses só podem ter uma consistência limitada. Não se revelam senão após as tentativas de redefinir a questão da legitimidade política (PÉCAUT, 1989 p.22)

Os intelectuais dessa geração, portanto, eram responsáveis pela restauração da hegemonia das elites dirigentes e do poder do Estado.

Contudo, o processo de intervenção política por parte dos intelectuais nos destinos sociais e econômicos da nação não foi exclusividade, ou melhor, não se iniciou no Brasil com essa geração de intelectuais, como muito bem lembra Pécaut (1989, p.7)

em todas as épocas, ou quase, os governantes pareceram querer se apropriar das representações do fenômeno político propostas pelos intelectuais, e estes, com frequência estiveram prontos a inspirar-se nas representações professoradas pelo Estado

Mas essa geração foi a primeira após a República a descobrir e tornar pública sua vocação para os propósitos da nação, sendo responsável também pela definição do lugar social de que poderiam ocupar nesse processo, isto é, viam-se como a elite capaz de dar forma e dirigir politicamente a nação. Essa visão, de modo geral, ainda que com diferenças substanciais, continua na geração de intelectuais dos anos 60.

Ambas as gerações de intelectuais, a de 1930 e 1960, construíram, cada uma a sua maneira, uma cultura política no país. As diferenças entre essas gerações estão principalmente no modo como buscaram legitimar sua atividade cultural e política no debate nacional. A primeira desconsiderava o povo, as massas populares, como força motriz de transformação e construção de uma cultura nacional, portanto, nesse processo, reivindicava para si o papel de elite dirigente junto ao Estado. Nesse sentido, os intelectuais de 30,

para justificar suas pretensões, era necessário ainda que os intelectuais pudessem mostrar títulos, o que de fato não lhes faltava. Não eram títulos obtidos por procedimentos de habilitação formal, a maneira dos letrados chineses, nem diplomas de “profissionais” dos tempos modernos. Consistiam na posse de um saber sobre o social, reconhecido e valorizado por amplos setores da sociedade. Assentavam, simultaneamente, na capacidade de definir o social e de explicar as condições da sua organização (PÉCAUT, 1989 p.33).

Já para a geração de 60, o problema da legitimidade ganha novo significado, devido principalmente ao modo como encaram e se relacionam com as classes populares. Admitindo a construção de um projeto de nação que unisse propósitos de camadas burguesas e populares da sociedade brasileira, esses intelectuais ao invés

de requererem o papel de elite dirigente no processo, encaram-se como apenas interpretes dessas camadas sociais do país, conservando, no entanto,

um papel político insubstituível: de um lado, têm a missão de ajudar o povo a tomar consciência de sua vocação revolucionária; de outro, cabe-lhes demonstrar, enquanto ideólogos, que o desenvolvimento econômico, a emancipação das classes populares e a independência nacional são três aspectos de mesmo processo de libertação, ou seja, de um mesmo “projeto” (PÉCAUT, 1989 p.15)

A existência do CPC da UNE é um dos grandes exemplos desse papel político tomado pelos intelectuais dos anos 60 de, através de sua produção artística e cultural, levar as classes populares ao encontro da consciência de sua importância nos processos de transformações do país, pois que, de acordo com as formulações desses intelectuais e do próprio órgão, essas classes eram incapazes de ter ou chegar a essa consciência por si própria.

Os intelectuais, portanto, formularam a seu modo a justificativa de sua proeminência na sociedade brasileira, colocando-se como agentes primordiais na construção da identidade nacional e de uma cultura política que punha em pauta os destinos sociais e econômicos da nação.

Em certa medida, as maneiras pelas quais essas duas gerações de intelectuais no Brasil se relacionaram com a política também fizeram parte do universo de relações, práticas e atividades dos intelectuais em São Luís. Características desse contexto nacional misturam-se às particularidades das construções político-culturais da capital maranhense.

3.2 O caso maranhense

Para a análise das relações entre intelectuais e o política no Maranhão em qualquer das décadas do século XX é preciso primeiramente compreender por que o passado - construção discursiva e não medida do tempo - constitui-se seu elemento primordial de intermediação. Tradição, decadência, apogeu, resgate, renovação, etc., são conceitos chaves dos discursos e construções acerca da política e cultura no estado desde muito tempo.

No Maranhão, em São Luís especificamente, as disputas simbólicas pela hegemonia na memória coletiva da sociedade e na história local são por vezes muito mais importantes do que os embates de natureza real, no sentido de concretos, pois é o desenrolar dessas disputas simbólicas que definem, organizam e estruturam o mundo das relações reais de poder e sua reverberação nessa mesma sociedade e história local.

O passado constantemente reivindicado e moldado a partir dos interesses e estratégias nas disputas pela hegemonia da memória social no Maranhão é o modo ideal pelo qual se fez notar a relação entre cultura e política nos anos 60 no estado. Os intelectuais maranhenses estiveram envolvidos diretamente nas reelaborações do passado e nas construções das representações tanto culturais quanto políticas que ainda hoje definem o modo pelo qual se estrutura a sociedade maranhense e sua memória coletiva – Atenas, Modernismo, Maranhão Novo, etc., uma amálgama de discursos referentes ao passado e futuro, mas que punham em jogo as disputas pelo poder no presente do Maranhão.

A relação dos literatos e artistas com o poder no estado é uma constante desde o fim do século XIX. Assim como explicamos sobre a geração de intelectuais brasileiros da década de 1930, no Maranhão, os intelectuais utilizaram-se de estratégias específicas para usufruto do poder estadual atendendo a interesses próprios, ainda que, nos anos anteriores a 1960, de forma pouco sistematizada e sem nenhuma pretensão de organizar, como no contexto nacional, uma “inteligência” institucionalizada nos postos importantes do aparelho burocrático do estado.

Essa situação só começou a mudar quando da percepção, por parte de alguns intelectuais que surgiram com o “modernismo” maranhense, que era possível e viável participar e decidir sobre o destino político do estado nos anos 60. Foi quando estas figuras antes apenas ligadas ao cenário cultural local se imiscuíram na política oficial e perceberam que poderiam modificar a realidade social do Maranhão de acordo com suas posições e pretensões. A cultura torna-se então o espaço político pelo qual a intelectualidade reafirma sua importância e legitima sua entrada e constituição na política oficial do estado.

A partir desse momento, os intelectuais articularam-se “com os meandros do poder, poder de toda ordem, poder simbólico, poder ordenador de estruturas de

significação, como linguagem simbólica da cultura” (BORRALHO, 2011, 79). Exercendo a autoridade derivada da sua atuação no cenário artístico, cultural e social de São Luís, eles puderam lançar mão de uma série de construções a respeito de suas atividades para justificar seus valores perante a sociedade.

De acordo com Wagner Cabral da Costa (2006, pp.16-17), houve o florescimento de uma

luta política como campo de competição e disputa em torno das representações que orientam a percepção / significação do ser social, verificamos que os imaginários sociais sobre o maranhão, os maranhenses e sua identidade político-cultural foram recorrentemente acionados, instrumentalizados e reformulados pelos diversos grupos (...) com vistas à canalização dos desejos e esperanças coletivas, à construção da legitimidade (ou ilegitimidade) do exercício do poder político.

O problema da legitimidade se impõe neste momento, e duplamente. Tornou-se necessário que esses intelectuais se fixassem na memória da sociedade como tais, como homens de importantes feitos culturais e artísticos cuja atuação foi relevante para a constituição histórica local. Ao mesmo tempo, ao serem fixados como personagens intelectuais indiscutíveis nos processos históricos do estado, era preciso que eles fossem referendados como a classe capaz de realizar e estabelecer nova dinâmica política e social para sociedade da qual faziam parte.

No Maranhão, a legitimação cultural para os intelectuais, na década de 1940 e 1960, veio por intermédio da reutilização do mito da Atenas, do passado literário glorioso vivenciado pelo estado no século XIX, mas também veio através do discurso da renovação cultural modernista pretendida e reivindicada por eles na metade do século passado no Maranhão.

Os intelectuais dos anos 60 que estavam envolvidos nas disputas do poder político no Maranhão emergiram do grupo que se formou em meados da década de 1945, cuja figura de Bandeira Tribuzi foi o grande expoente como vimos no primeiro capítulo. Essa geração de literatos e artistas, assim como quase toda geração posterior, exercia suas atividades culturais assentada na ideia de renovação cultural, do resgate da grandeza cultural de outrora, de quando houve o apogeu nas artes do Maranhão, de quando o estado gabava-se de ter os melhores poetas do país.

Ou seja, mesmo que na superfície, no discurso, se proclamasse a renovação a partir de novos conceitos estéticos surgidos no Brasil e no mundo, no interior, nas suas práticas artísticas, essa geração denotava a estratégia de manter-se filiada ao mito da Atenas como forma de referendar sua existência.

A identidade da “geração modernista de 1945 foi formada em torno da ideia de “renascimento” cultural do Maranhão, uma tentativa de atualização das glórias da *Atenas Brasileira*. A jovem intelectualidade cidadina combinava a preocupação de difusão da estética e dos autores modernistas (Manuel bandeira, Mário de Andrade, Fernando Pessoa, entre outros), com a atitude de preservação e consagração da tradição maranhense, além da divulgação de sua própria produção literária (os “Novíssimos do Maranhão”), evidenciando o papel renovador auto-atribuído pela intelectualidade modernista. (COSTA, 2006, p.72)

Percebe-se então que a utilização do mito da Atenas serve como elo que liga a nova leva de intelectuais às mais altas glórias dos intelectuais de outrora. Mesmo julgando-se modernistas, ou pelo menos, praticando e discutindo conceitos e arte modernistas, esses novos intelectuais acomodaram, sem muito conflito, a tradição, o mito da Atenas no interior do seu discurso como forma de legitimar seus propósitos na cultura política do estado. Como que construindo uma imagem, na memória coletiva de São Luís, de continuadores, ou, no limite, resgatadores da grandeza intelectual do estado.

Nos anos 60, muitos desses intelectuais que começaram a se formar nos anos 40, já estavam estabilizados como grandes nomes da nossa cultura e política. Alguns se lançaram nas disputas pelo poder político oficial, outros tantos encontraram na atuação na imprensa o modo de conservar seu prestígio na sociedade. As construções discursivas e representações que, nos anos 60, estes intelectuais tinham sobre si, e sobre sua trajetória pessoal e coletiva até então, ajudaram a firmar simbolicamente sua importância na sociedade da época.

Desta maneira, as movimentações em torno dos centros culturais, os lançamentos de livros, a criação de suplementos literários, etc., nos anos 40, serviram como fundamentação para justificar, perante a sociedade dos anos 60, a posição de classe diferenciada e redentora da cultura local.

No plano político, é dado a ler por essas construções que essa geração de intelectuais formada nos anos 40, através de estratégias de legitimação bem sucedidas, seria responsável por resgatar, trazer a tona, no presente, a grandeza do Maranhão econômica e social do passado, ou, da mesma forma, responsável por livrar o estado daqueles que atravancavam o reflorescimento dessa grandeza.

Havia uma junção dos discursos culturais e políticos nas disputas simbólicas pelo poder:

Na historiografia tradicional, essa geração foi geralmente representada como “portadora de um projeto coletivo para o Maranhão” e “somatório do gosto literário e da preocupação com os problemas econômicos e sociais” (sua nova tônica). Desse modo, a noção de “geração” exerce um papel importante no conjunto das imagens e representações sobre o Maranhão, delimitando socialmente um “dever simbólico” a todos e cada um, o dever de deixar o seu quinhão de contribuição às “glórias da terra-mãe, a Atenas Brasileira (COSTA, 2006, p.73)

Bandeira Tribuzi, como figura pública ativa nesse cenário político-cultural no estado, era representante maior dessa geração de intelectuais no meio da imprensa local. Da mesma maneira, José Sarney tornou-se o nome de destaque dessa geração no meio político. A relação pessoal entre os dois era próxima, desde os anos de formação de ambos no cenário cultural ludovicense. A atuação dos dois no cenário maranhense sintetizou o modo pelo qual essa relação entre cultura e política no Maranhão, em São Luís especificamente, nos anos 60, foi pautada por estratégias e disputas simbólicas pelo poder.

Assim como eles, muito mais intelectuais e artistas no Maranhão corroboraram, a seu turno, para a ideia de que somente essa geração esclarecida seria capaz de transformações relevantes na estrutura social e econômica do estado. Pois,

o poder das palavras começava discursivamente a ser repetido, causando uma sensação de que o Maranhão, como um celeiro de letras deveria ser governado por uma geração que outrora promovera debates acalorados sobre o rumo das artes e letras e que, somente através deles, o estado voltaria ao seu “caminho natural”. (BORRALHO, 2011 p.32)

De acordo com VIEIRA (1998, p.17), entendo que “os grupos e os indivíduos reconstituem suas próprias histórias, em última análise, de acordo com sua inserção nas relações de poder”, isto é, de acordo com suas posições e interesses nos embates pelo poder. No Maranhão, o caráter progressista do pensamento intelectual e político presente no contexto nacional aliou-se aos sistemas de representações sociais que envolviam tradições identitárias da sociedade – aqui, as relações de poder no universo cultural e político ganharam novo significado.

A contínua (re)construção das trajetórias pessoais de certos personagens da intelectualidade local garantiram a eles, por processos longos de disputas e rearranjo político, a legitimidade na conquista e no exercício do poder no estado. José Sarney, no exercício político oficial, e Bandeira Tribuzi, na atuação intelectual na imprensa, utilizaram constantemente de suas posições sociais privilegiadas na sociedade maranhense para reivindicar para si, e para seu grupo - a um só tempo, progressista, modernista e continuador das tradições maranhenses - o poder de transformar o estado em seus mais variados níveis de realidade.

O trabalho intelectual de Bandeira Tribuzi na imprensa maranhense foi pautado pelos fortes ataques de oposição ao governo de Newton Bello e ao domínio político de Vitorino Freire. Os argumentos utilizados nesses ataques eram diversos, mas especialmente concentrados na necessidade de mudança urgente da realidade desoladora da política, econômica, social e cultural do Maranhão.

Como se viu anteriormente, Tribuzi foi uma das frentes intelectuais que participou ativamente dos discursos oposicionistas na imprensa local. A maior parte dos intelectuais do estado nos anos 60 também contribuiu nesse sentido, basta ‘viajar’ rapidamente às páginas do Jornal do Povo para verificar este fato. Neste diário de notícias maranhense, dia após dia intensificavam os artigos, matérias e editoriais a respeito do descaso do poder até então estabelecido com o povo e com o estado geral do Maranhão.

Esses discursos oposicionistas que partiam da imprensa foram adotados pelos intelectuais e políticos maranhenses ditos progressistas para desqualificar a autoridade do grupo que dominava o estado, ou seja, nada mais foram que estratégias simbólicas de manejo desses discursos nas disputas pelo poder governamental.

Da mesma maneira, José Sarney foi ganhando maior feição de líder político renovador quando passou a opor-se às estruturas oligárquicas do vitorinismo. Na sua campanha para chegar ao poder governamental do estado, em contraposição ao velho e retrógado projeto político anterior, aliava a tradição maranhense de reificação social ao discurso do novo, da mudança na dimensão estrutural do Maranhão.

Não se pode esquecer que em 1966, José Sarney, ao mesmo tempo em que chegava ao governo do estado, assumia a presidência da Academia Maranhense de Letras, lugar por excelência de repouso da tradição cultural e de reconhecimento dos feitos artísticos dos que dela participam. Sarney conjugava assim uma pretendida vocação política com a vocação literária dos intelectuais maranhenses da sua geração.

“A sacralização derradeira da ideia de Geração no poder, a poesia no poder, veio com a constituição da equipe do governo, trazendo consigo alguns dos velhos nomes das letras locais” (BORRALHO, 2011, p.131). Carlos Madeira, Domingos Vieira Filho, Reginaldo Telles, o próprio Tribuzi etc., nomes que fizeram parte da pretendida renovação cultural de São Luís do Maranhão nos anos anteriores foram cooptados por José Sarney para planejar e decidir o futuro desse Maranhão novo que iria (re)nascer com o novo governo. Era a maneira derradeira de legitimar intelectualmente o seu governo e coroar politicamente a geração de intelectuais a que pertenceu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bandeira Tribuzi, nos 30 anos em que viveu em São Luís, esteve de alguma forma sempre ligado às transformações sociais, culturais e políticas acontecidas no Maranhão no século XX. Além de ter ajudado a fundar um dos grandes jornais do estado (O Estado do Maranhão), ter dirigido o principal impresso progressista e de oposição nos 60 (O Jornal do Povo), ter participado com funções de liderança dos mais relevantes movimentos culturais em São Luís na década de 1940, ele foi um dos grandes representantes, no Maranhão, das relações entre intelectuais e o poder que caracterizaram a primeira metade do século XX no Brasil.

Por tudo isso, elegi Tribuzi como motivo primordial da existência desse estudo. Interessava-me perceber-lo não apenas sob a ótica dos seus feitos, como muitos já fizeram, mas debater sua atuação no cenário político-cultural de São Luís a partir dos discursos e representações que ele, e o grupo de intelectuais a que pertenceu, construiu sobre na trajetória que o levou a participar do poder político governamental no Maranhão.

E, sobretudo, perceber como a dinâmica dessas articulações ajudou a fixar na memória coletiva da cidade e do estado, a posição privilegiada que a geração de intelectuais a que Tribuzi pertenceu ocupa, seja ela como responsável pela renovação cultural através do alinhamento, sem conflito, da tradição da Atenas com o discurso de renovação modernista, seja ela como responsável pela estruturação no estado de um novo modelo de realidade social, o “Maranhão Novo”.

Compreendo que, por se tratar de um momento seminal na história do estado, constituindo um marco muito vivo na memória da nossa sociedade local, e sem dúvida, definitivo, devido sua enorme importância e impacto, no desenrolar histórico de São Luís do Maranhão, tendo ressonâncias ainda hoje na estruturação e desenvolvimento do estado, a relação entre intelectuais e poder no Maranhão dos anos 60 deve ser exaustivamente estudada.

A pesquisa aqui apresentada pretende contribuir para o debate a respeito não apenas da produção cultural e intelectual que nos anos que vão da década de 1940 a 1960 fundou um novo olhar sobre a capital maranhense, como também da

construção do discurso de importância dessa geração de intelectuais e artistas que influenciou a maneira deles se relacionarem com a política oficial no estado.

. Como aparato metodológico, para realização dos objetivos deste trabalho lancei mão de artigos dos principais jornais da época em São Luís, especialmente o Jornal do Povo no qual se fizeram notar com maior intensidade os temas desta pesquisa, e de uma considerável bibliografia a respeito dos temas gerais abordados.

Esperamos, ainda, ter trazido novamente à pauta de discussão o íntimo relacionamento entre cultura e política em personagens diversos, complexos e polêmicos que transitavam e participavam das construções intelectuais e imagéticas tão representativas desse período; personagens que, cada um a seu modo, ou numa coletividade ideológica, criaram uma imagem de si como capazes tornar São Luís do Maranhão, pensando-a, repensando-a e a construindo, em um lugar não apenas socialmente mais justo, como culturalmente mais rico e politicamente mais maduro.

Tratamos de figuras como Bandeira Tribuzi, José Sarney e Neiva Moreira, entre outros, para insinuar a importância de uma época e um cenário cultural na constituição histórica da realidade maranhense. Vimos que estes artistas e intelectuais de São Luís do começo dos anos 60 eram ativos e interessados em produzir obras que pusessem a capital do Maranhão no nível de importância elevado, mas muito mais que isso, estavam interessados em estabelecer uma outra maneira de por em prática seus objetivos e interesses de transformações sociais na vida do Maranhão.

DOCUMENTAÇÃO:

DIÁRIO DA MANHÃ, Jornal. São Luís, 1960 – 1964.

JORNAL DO DIA, São Luís, 1960 – 1964.

JORNAL DO POVO, São Luís, 1960 – 1964.

O IMPARCIAL, Jornal. São Luís, 1960 – 1964.

O ESTADO DO MARANHÃO, Jornal. São Luís, 1977.

REFERÊNCIAS

ARTE do Maranhão 1940-1960. São Luís, MA: Banco do Estado do Maranhão, 1944.

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. **Acorda ateniense! Acorda Maranhão!: Identidade e tradição no Maranhão de meados do século XX (1940-1960).** Ciências Humanas em Revista - São Luís, V. 3, n.2, dezembro 2005.

_____. **O pantheon encantado: Culturas e Heranças Étnicas na Formação de Identidade Maranhense (1937-65).** Salvador 2007. Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (FFCH-UFBA).

BARUT, Arthur. **Livro Valioso.** Jornal do Povo. 24 de fevereiro de 1963.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **A Athenas Equinocial: a literatura e a fundação de um Maranhão no Império brasileiro.** São Luís: Edfunc, 2010.

_____. **Terra e céu de nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhão.** São Luís: Café & Lápis; FAPEMA, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Zouk/Edusp, 2006.

CHAGAS, José. **Literatura e Safra.** Jornal do Povo. 4 de julho de 1961.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações**. Rio de Janeiro; Lisboa: DIFEL; Bertrand, 1985.

_____. **El presente del pasado: escritura de la historia, historia de lo escrito**. Universidad Iberoamericana, 2005.

CORRÊA, Rossini. **Pela cidade do homem (uma interpretação de Bandeira Tribuzi)**. São Luis: Edições UFMA, 1982.

COSTA, Wagner Cabral da. **Sob o signo da morte: o poder oligárquico de Victorino a Sarney**. São Luís: Edfuma, 2006.

CUNHA, Carlos. **Memória e iconografia de Bandeira Tribuzi**. Rio de Janeiro: Tipo Editor 1979.

CZAJKA Rodrigo. **Redesenhando ideologias: cultura e política em tempos de golpe** In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 40, p. 37-57, 2004. Editora UFPR.

FRANCIS, Paulo. **1964: 30 Anos Depois**. São Paulo: Francis, 2004.

GARCIA, Miliandre. **A questão da cultura popular: as políticas culturais do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 47, p.127-62 – 2004.

GARRIDO, Assis. **Carta aberta ao muito jovem poeta Magson Silva**. Jornal Pequeno. 1 de janeiro de 1961

GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. **A reinvenção do Maranhão dinástico**. São Luis: Edições UFMA/PROIN – CS, 2000.

GULLAR, Ferreira. **Poesia completa, teatro e prosa: volume único**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

HOHLFELDT, Antônio. **A fermentação cultural da década brasileira de 60**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 11, dezembro, 1999.

LEITE, Kleber. **Terra de Ninguém: Histórias fatos do Maranhão vitorinizado de agora**.

LOPES, Creusa Kelly Rego. **Somos todos de 45? os intelectuais e as formas de sociabilidade da "Geração de 45"**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal do Maranhão.

MACHADO, Nauro. **As esferas lineares (4 estudos maranhenses)**. São Luís: Edições SECMA, 1996.

_____. **Bom dia, poeta Assis Garrido**. Jornal do Dia. 16 de janeiro de 1961.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

MORAES, Paulo Henrique dos Santos. **Muro de Vidro: o cenário cultural de São Luís entre 1961 e 1964**, 2009. Universidade Federal do Maranhão.

NAPOLITANO, Marcos. **A arte engajada e seus públicos (1955/1968)**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.

_____. **Os festivais da canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968)**. REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964-2004)**. São Paulo: EDUSC, 2004.

_____ e VILLAÇA, Mariana Martins. **Tropicalismo: as relíquias do Brasil em debate**. Rev. bras. Hist., v.18, n. 35, São Paulo, 1998.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: Entre o povo e a nação**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

RIDENTI, Marcelo. **Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança**. Ferreira, J. e DELGADO, Lucília de A. N. (Org.) **O Brasil republicano. O tempo da ditadura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 135-166.

_____. **Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da TV**. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2000.

_____, BASTOS, Elide Rugai. e ROLLAND, Denis. (Org.) **Intelectuais e Estado**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. **O Fantasma da revolução brasileira**. UNESP. 2010.

TORRES, Carla Michele Ramos. **Em cena: o teatro no centro popular de cultura da união nacional dos estudantes (CPC da UNE) 1961-1964**. Marechal Cândido Rondon, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

TRIBUZI, Bandeira. **Considerações de viagem**. Jornal do Povo. Outubro de 1963.

_____. **Formação econômica do Maranhão: uma proposta de desenvolvimento.** São Luis: FIPES, 1981.

_____. **Da conveniência de fazer-se um deputado conveniente.** São Luis: SIOGE, 1985.

_____. **IG no BNMG.** Jornal do Povo. 9 de julho de 1961.

_____. **Poesia Reunida.** São Luís: Secretária de Cultura do Estado do Maranhão / Alhambra, 1986.

_____. **Poeta.** Jornal do Povo. 30 de outubro de 1961.

_____. **Reformas.** Jornal do Povo. 15 de outubro de 1961.

VIEIRA, Luiz Renato. **Consagrados e malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira.** Brasília: Thesaurus, 1998.